Gérard de Nerval

# AURÉLIA

USUS EDITORA

1992

# AURÉLIA
ou
O Sonho e a Vida

# PREFÁCIO

## Nerval e os Românticos

**Schöne Fremde**
**Hier hinter den Murtenbäumen**
**In heimlich Pracht,**
**Was sprichst du wirr wie in Traumen**
**Zu mir, Phantastische Nacht?**

***Bela região distante***
***Aqui, por detrás dos mirtos***
***No misterioso esplendor das trevas,***
***Que estranha linguagem me falas como***
***em sonhos, noite fantástica?)***

**JOSEPH VON EICHENDORFF**
**(Schumann, LiederKreis op. 39)**

**Souvent dans l'être obscur habite un Dieu caché;**
**.........................................................................**

**NERVAL, Vers Dorés**
**(Petits Châteaux de Bohême)**

***(Frequentemente, no ser obscuro habita um Deus oculto)***

*Gérard Labrunie, que mudou o nome para Nerval, suicidou-se em 1855 ao fim de várias crises psíquicas. O seu pendor exaltado, típico do poeta visionário que é, fez com que produzisse uma obra iniciática cheia de um misticismo híbrido, cuja raiz temática principal nos permite classificá-la como o resultado de uma vontade do Absoluto.*

*Longe da pretensão de desenvolver aqui um ensaio sobre a obra e o pensamento de Nerval, limitar-nos-emos a salientar alguns aspectos da presente tradução —* ***Aurélia*** *— consentâneos com a influência inequívoca que este autor recebeu do Romantismo Alemão.*

*Com efeito, conheceu bem os alemães apresentando logo aos vinte anos uma versão do Fausto de Goethe e tornando-se tradutor de vários poetas alemães.*

*Confrontados com este comovente texto, facilmente nos apercebemos que não se trata de uma simples experiência de religiosidade, mas de uma sentida interrogação pela consciência do Cosmos que lhe escapa. A identificação impossível com o mais comezinho dos mundos converte-se em sonho perpétuo metaforicamente criador, com uma tendência clara para o desdobramento. Assistimos ao deflagrar da unidade do eu e ao aparecimento de uma máscara (a visão da divindade).*

*O percurso seguido é o de uma viagem ao interior de si com a questão da salvação colocada como o principal objectivo de toda uma vida. Aurélia é a guia ou a figura impulsionadora, porque é ao Amor que cabe conduzir-nos na Arte das Musas. Talvez a este propósito convenha reter a feliz expressão de*





*Tieck do "Homem como circum-navegador do mundo interior."* (1)

*O romântico Nerval faz coincidir a natureza máxima do delírio com a demanda pelo fundamento — "O que é Deus?" Situa-se deste modo num autêntico* ***Gotterdämmerung*** *que o dealbar do novo século acabou por trazer mas que todo este período literário e filosófico mantém ainda como uma tensão dialéctica entre o Ser e o Nada.*

*As facetas mais estranhas e perturbantes do texto persistem, afirmando um carácter* ***nocturno*** *que nos parece directamente absorvido das influências alemãs que povoam o pensamento nervaliano. A metáfora dissonante e delirante mostra-nos o que está distanciado, razão pelo qual o Romantismo Alemão tanto interesse manifestou pela mitologia, pela poesia e pelo fantástico.*

*O fascínio pelo pôr-do-sol surge associado à ideia de uma descida ao império das trevas, onde é possível reencontrar os espíritos conhecidos e desconhecidos. A luz das estrelas representa as forças espirituais que se opõem às trevas mediatizadas por toda a espécie de seres intermediários equivalentes aos Daimons gregos; é o caso das Ondinas, ninfas das águas e das Salamandras que vivem no fogo. A Serpente cósmica que sustém o mundo com os seus anéis faz supor uma referência a Ananta, associada a Vishnu e Çiva, o símbolo da estabilidade cíclica. Ora Nerval demonstra possuir um conhecimento alargado, embora sobreposto, dos vários tipos de*

---

(1) "Weltumsegler unsers Innern" Ludwig Tieck, **Phantasus**, Berlin, 1844, T. I, p. 69.

*mitologia desde a medieval, hindu, nórdica, egípcia, etc. Ele próprio, à boa maneira romântica de reabilitação das mitologias elabora uma cosmogonia, que ilustra com a civilização Merovíngia, onde alude à divisão do reino em partes por Clotário I e Clotário II, ficando repartida em três estados: a Nêustria, a Austrásia e a Borgonha. A dinastia Merovíngia terminou quando Childério III foi deposto por Pepino, o Breve em 752, dando lugar aos Carolíngios.* (1)

*É visível uma composição fantasiosa sobre os primórdios da história do mundo decalcada nas recuadas dinastias francesas.*

*A envolver todas estas transformações histórico--mitológicas encontra-se o crepúsculo, onde a grande questão obsessivamente reiterada ao longo do texto é sem dúvida a problemática da morte/imortalidade.*

*"O Romantismo é uma viagem ao fim da noite, num tempo incerto, circuito iniciático em claro escuro onde não faltam as tempestades; apenas com a certeza da morte no fim do caminho."* (2)

*É a morte que permite ainda afirmar, com revolta, a inacessibilidade do divino mesmo que exista uma consciência que pretenda uma formulação conceptual que o aproxime dos homens. Temos, portanto, uma busca do Absoluto — em que o horizonte é Deus — ideologicamente inalcançável a despeito de todas as tentativas para o exprimir.*

(1) Sobre a mitologia dos Merovíngios, consultar G. Kurth, **Histoire poétique des Mérovingiens, 1893.**

(2) Georges Gusdorf, **Du Néant à Dieu dans le Savoir Romantique, Paris**, Payot, 1983, p. 47.





*Em consequência dessa distância deparamos com uma via negativa onde a unidade do Transcendente é ambígua, relegando-nos para um relacionamento entre o Ser e o Nada, o existente e o não existente. Resta expressar essa incapacidade de adequação do discurso a um enunciado possível (redução da Epistemologia a uma Teologia) em termos de criatividade poética e alegórica. Pretende-se falar da luz mas apenas é encontrado o seu correlato obscuro, como nos revela de forma radical a gnose tenebrosa de Jacob Boehme, quando se refere à nossa capacidade de apreensão da inteligência divina: "Ela é uma vontade única do Indeterminado, não está nem longe nem perto, nem alto nem baixo, mas ela é tudo, logo não é mais do que um Nada, por assim dizer, pois que ela própria não tem em si nem contemplatividade, nem perceptibilidade que permita encontrar o seu semelhante em si próprio."* (1)

*Ora isto é uma forma de explicar o* ***obscurum per obscurius****, segundo a fórmula de Gusdorf ao dizer--nos que o Romantismo é meramente simbólico para o qual convém manter intacto todo o significado do mistério. Tal operação é possível se for acompanhada pela afirmação do Panteísmo, ou seja, por uma dissolução do Criador em todas as Criaturas. Essa forma de espiritualismo que existe igualmente em* ***Aurélia****, permanece como uma reposição de Deus na natureza. Nerval revela tendências místicas e a Igreja sempre viu com olhos madrastos esses indivíduos que, em lugar de estabelecerem uma piedosa e serena*

(1) Boehme, J., **Mysterium Magnum**, Ch. XXIX, §1; T.I Aubier, 1945, pp. 336-337.

*comunicação com o divino, podem estar a promover a auto-descoberta dos locais mais obscuros da natureza humana. Eis a nova acepção da Transcendência: pôr em causa a ortodoxia do Corpo, próprio ou social, e empreender investigações numa alma atormentada que se refugia nos seus limites. A revelação desse entranhado labiríntico coloca-nos perante a multiplicidade, cuja saída religiosa pode ser o referido panteísmo, que esbate a unicidade ontológica que se centra nos cânones mais dogmáticos.*

*Surge assim uma correspondência vital entre todos os elementos do universo (A ligação transindividual do género humano.)*

*É o mesmo que o ambíguo êxtase religioso semelhante ao de uma beata Ludovica dos Bernini, com os olhos postos no céu e as mãos no centro do corpo, aí onde se concentram as visões mais lúbricas.*

*O Panteísmo como uma defesa do* ***Deus sive natura****, agradava também aos Românticos Alemães que o desenvolveram na sua* ***Natur Philosophie****, onde a natureza se encontra impregnada de símbolos, lançada num crepúsculo sombrio, em que a total revelação do Ser se mantém oclusa por uma inextricável passagem.*

*A reconciliação com o Eterno tarda ainda desde a falta primordial. O Criador nunca mais se restabeleceu — nem a harmonia do universo — do contrato imposto nesse momento inicial, quebrado pouco depois, não obstante o arrependimento dos homens tantas vezes reiterado em vão.*

*É a impossibilidade de um encontro com o Criador que impulsiona uma fuga para dentro de si, não tendo mais a miragem do absoluto como ponto*





*exterior de orientação, mas em seu lugar, a dispersão, as hesitações da subjectividade desorientada, a assumção do estado de êxtase. No entanto, na cosmogonia de Nerval verifica-se uma coexistência com os demais animais/bestas, sem nenhuma intenção orgulhosa de supremacia. Mas pode levantar-se um equívoco, quando o narrador se substitui à figura do próprio Cristo. Está louco!*

*A oposição que subsiste nesta tensão a favor de um argumento onto-teológico sobre uma 'via negativa' é absolutamente indeterminável. É o contraste entre a finitude do mundo, caracterizada pela falta de Adão e pelo crime de Caim, e a infinitude de Deus. Como nenhuma revelação o torna manifesto, resta-nos caminhar às cegas nas categorias e sub-categorias de uma limitação demonstrativa: "Deus devém e de-devém (Gott wird und entwird), diz Mestre Eckhart; ele é inferior à divindade que não devém." (1)*

*Deus é o abismo sem fundo e sem fundamento, o Nada eterno? A ausência ontológica do Ser?*

*Sem dúvida que para a igreja católica este tipo de misticismo é merecedor de toda a suspeição, uma vez que ronda o paradoxo. Estes sublimes esforços teóricos ajudam a dessacralizar o mundo jogando com as ortodoxias. O mérito de* ***Aurélia*** *recai, em qualquer dos casos, numa dupla vertente e tem o condão de a situar radicalmente: ou estamos perante um estado sincero de procura de uma solução/salvação — apesar de tudo intransmissível na sua* ***verdade*** *como qualquer sentimento ou sentido de*

---

(1) Koyrée citado por Gusdorff, op. cit., p. 133.

*missão — ou resulta daqui uma idiotia generalizada com o simples estatuto de ilusão. Considerando isto não poderemos optar por uma crença mas por uma adesão estética que, infelizmente, não pode pretender o assentimento universal. Nesse sentido* ***Aurélia*** *aparece como uma hagiografia autoproposta onde um indivíduo se canoniza a si próprio.*

*Segundo as suas próprias palavras, Nerval assume-se como um apologista da Cabala e até do pensamento conciliador de Pico della Mirandola que no Renascimento já apelava para a integração da Cabala no Cristianismo: " Tendo deste modo sido revelada, por mandamento de Deus, a verdadeira interpretação da lei dada a Moisés por Deus, deu-se-lhe o nome de Cabala, que para os Hebreus tem o mesmo significado que para nós* ***receptio*** *(recepção)."* [1]

*Parece-nos também que algumas das descrições de* ***Aurélia*** *resultam da leitura da obra de Hoffmann,* ***Os Elixires do Diabo****, que Nerval conhecia bem. Inclusivamente a personagem que dá título ao texto — Aurélia — é directamente inspirada nesse romance, onde o monge Médard sofre um acesso de demência quando do púlpito vislumbra estranhas figuras entre a assistência. Cai doente e para recuperar as forças experimenta uns goles de uma provável relíquia que deveria conter um líquido satânico: o elixir. Ao beber pela garrafinha não tarda a identificar Santa Rosália como sua amada, perdendo-se para a vida religiosa. Uma vez lançado*

[1] Giovanni Pico della Mirandola, Oratio Ioanis Pici Mirandulani Concordiae Comitis, trad. port. Ed. 70, 1989, p. 97.





*no mundo, o destino fá-lo confundir-se com um conde (duplicação de si) vendo-se depois envolvido em aventuras amorosas, adultérios, crime, etc, sempre com a figura de Aurélia, filha de uma baronesa que o tomara pelo amante, a incendiar-lhe o coração, suscitando-lhe os desejos mais voluptuosos.*

*Ora, Nerval aparece como um claro seguidor de Hoffmann a quem tanto admirava. A própria figura de Santa Rosália surge em* ***Aurélia*** *e no seu projecto de um romance epistolar,* ***Un Roman à Faire****, de 1842. As bizarrias de Hoffmann, o mestre do devaneio e da imaginação fantástica, acabaram por deixar marcas na obra de Nerval.*

*O místico romântico após inquietar-se com a ideia de Deus, e como não encontra aí contornos definidos, identifica-o com a imagem da amada. A visada Aurélia, por quem o narrador se perdera, surge diante de nós como uma deusa, relacionada com a busca limite do Absoluto e não como a encarnação de meras paixonetas, tal como é apresentada na tese de Pierre Jean Jouvre em* ***Loucura e Génio*** *preocupado com as vicissitudes biográficas do poeta. É evidente que* ***Aurélia****, por um lado, revive os amores com Jenny Colon, ou Adrienne ou talvez se misture na míriade de rostos das suas* ***Filhas do Fogo****, no entanto uma perspectiva que se contente com essas peripécias é francamente redutora. A propósito de uma indefinida falta capital* [1]*, este autor permite-se escrever várias páginas que não acrescentam uma linha ao esclarecimento da*

[1] Cf. P. J. Jouve, Loucura e Génio, Hiena, 1991, p. 44.

*obsessão religiosa nervaliana, mas como se costuma dizer: o autor é que tem o ónus da prova.*

*No entanto, esta ideia ainda assume alguma neutralidade comparada com outras interpretações que identificaram Aurélia com a mãe do poeta, enquanto imagem da Virgem Mãe, numa clara associação a que chamaríamos ironicamente* ***Teo-psicanalítica*** *e que em termos de teoria da Literatura ainda vigorou um bom par de anos.*

*O símbolo da Noite no Romantismo é o que melhor revela a inquietação de um eu empírico que se confunde com o Obscuro próprio dos confins da consciência. A Nerval, tal como em Hoffmann, não resta senão invocar o auxílio de Oneidos, deus do sonho, para a sua narração; a este propósito atente-se no subtítulo do texto: O Sonho e a Vida. Podemos interrogar o motivo desta inspiração alemã de Nerval. Ora como afirmam alguns autores, talvez o Romantismo francês e Inglês não tivesse filósofos importantes em que se apoiar. E não esqueçamos que Garrett apareceu em 1825 com o poema* ***Camões*** *trazendo algumas ideias, novas em Portugal, inspiradas em Byron entre outros.*

*A integração no Absoluto de todos os princípios, não pode excluir o do arrebatamento, a perspectiva de aniquilação da paz interior, a abertura de espaços diferenciados na realidade. Mas pode-se perguntar: Qual o conceito que nos impele para essa noção de Terror e cataclismo? É o desvario perante a ideia da morte. (No texto tudo se desencadeia quando o narrador, durante um passeio nocturno, lê o n.º 37 numa porta iluminada e antevê o fantasma da amada que se apresenta como sendo a imagem da morte.*





*A partir daí tenta dirigir-se para o Oriente de cabeça perdida... )*

*Todas as ulteriores preocupações derivam das atitudes de um homem dividido entre uma faceta boa e outra má, tendo como pano de fundo uma marcha inelutável para o declínio. Face à ausência do divino a alternativa é inexorável:*

*En cherchant l'oeil de Dieu, je n'ai vu qu'un orbite*
*Vaste, noir e sans fond; d'où la nuit qui l'habite*
*Rayonne sur le monde et s'épaissit toujours;* [1]
.......................................................

(extracto do soneto II de Petits Châteaux de Bohême)

*A hesitação quanto a uma imagem unívoca do homem, traz consigo o desdobramento — a estranheza na percepção do seu próprio corpo, tema tão caro a Hoffmann. Não é mais possível encontrar uma resposta singular o que ameaça a integridade do eu mas alarga as possibilidades da imaginação.*

*Nos vários hospícios onde esteve internado, Nerval entrevia novos mundos escondidos por detrás de vidraças. As imagens da infância que se tornavam presentes através dos espelhos coloridos faziam parte de um Todo em devir (importa também fazer alusão ao momento em que Aurélia, vinda do mundo*

---

[1] Procurando o olhar de Deus, apenas vi uma órbita. Vasta, negra e sem fundo; de onde a noite que a habita, Irradia sobre o mundo, escurecendo sempre.

*luminoso, atravessa um amplo vidro na sala onde se encontra o narrador). Voltamos a encontrar aqui o rasto do maravilhoso tão bem desenvolvido por Hoffmann que não dispensava os contornos distorcidos das suas lunetas e espelhos. É o caso do seu conto* ***O Homem da Areia*** *quando o personagem central — Nathanael — vê a sombra dupla do pai por detrás de umas lunetas que tinha adquirido num vendedor. O delírio que se apossa dele, arruina a sua paz de espírito e a sua vida amorosa e, após misturar o sonho com a realidade irá conduzi-lo à morte. Igualmente noutro conto* ***As Aventuras da noite de S. Silvestre****, será Erasmo que, ao apaixonar-se por Giuletta perde o seu reflexo no espelho mediante um pacto demoníaco. Após essa troca fatal, que representa a abdicação de uma parte de si, espera-o a condenação do fogo infernal e o apelo de espectros sombrios em decomposição.*

*A linguagem poética reverbera na realidade, interioriza-a e engloba-a num amplo movimento de inclusão das partes ou dos fragmentos num Todo dinâmico, que se completará progressivamente.*

*A criação artística deve acompanhar esse momento de formação livre e sempre inacabado. Esse sempre foi o projecto dos Românticos Alemães fixado desde o início na revista Athenäum: " (...) livre de qualquer interesse real e ideal, ela é também a mais capaz de, nas asas da reflexão poética, potenciar incessantemente as coisas, multiplicando-as como numa série infinita de espelhos."* [1]

[1] "(...) frei von allem realem und idealem Interesse, auf den Flugen der poetischen Reflexion in der Mitte schweben, diese





*Para além das vidraças ergue-se uma outra faceta do homem que o acolhe de surpresa. O espelho é a metáfora correcta para expressar o desdobramento da identidade. A partir desse momento de perda instala-se uma persistente agitação no espírito. O narrador, sentindo-se perdido, deambula entre Montmartre e os Halles, mas talvez seja demasiado tarde para recuperar essa harmonia.*

*Toda a segunda parte do texto do poeta destina-se a relembrar esses passeios nocturnos, onde, entre a exaltação e o entorpecimento, a noite e o dia, o bem e o mal, o presente e a memória, a salvação tarda a surgir.*

*Para a conseguir de nada lhe adianta o apoio dos amigos nem a invocação da mitologia, cujas divindades predominantes, já nessa altura tinham sido derrotadas pelo ceptro monoteísta do Cristianismo.*

*O único reconforto possível é o misticismo.*

*É a figura de um* ***outro*** *que toma o seu lugar: descrição do momento em que é detido em plena rua e levado para a casa da guarda e do casamento de Aurélia no mundo dos espíritos. A imagem duplicada que resulta desta autoscopia, ilustra a dualidade do comportamento humano, segundo o bem ou o mal e constitue a raiz de uma problemática que está longe de corresponder apenas ao Romantismo. É possível representarmos o Homem numa caminhada universal para o Bem?*

Reflexion immer wieder potenzieren und wie in einer endlosen Reihe von Spiegeln vervielfachen." F. Schlegel — 116 — **Schriften zur Literatur**, ed. Wolfdietrich Rasch, DTV Munchen, 1985, p. 53.

*A super-abundância de Deus, ocupando a totalidade do espaço, impossibilitaria a proliferação dos homens. Por seu lado, a existência do homem, por menor que ela seja, desmente a exclusividade egoística de Deus, seu rival privilegiado. A disseminação dos homens incrementa uma maior multiplicação dos princípios malévolos, uma vez que, como define a Teologia tradicional, ele é o portador por excelência das fontes malignas que subvertem a bondade tutelar.*

*A procura de Deus determina um ideal moral com o inevitável cortejo das críticas que abdicam desta ou daquela corrente de moralidade. Fica apenas, ao nível ético, a ideia de um Deus fora da experiência possível, erigido em imperativo orientador da nossa acção rumo à simples ideia de Bem. Mas a bondade que o homem produz em si próprio será fruto de um disposição intrínseca e generalizada?*

*"A proposição: Existe um Deus, não significa outra coisa que — existe na razão humana, determinando-a moralmente, um princípio supremo que se vê determinado e obrigado a agir infalivelmente segundo esse princípio...* " [1]

*Esse é justamente o princípio que Nerval procura e o seu inspirador pode bem ser uma divindade hostil. Na verdade, se o homem se encontra consciente do seu aniquilamento poderá sentir a tentação de apressá-lo, se não em si próprio, pelo menos nos outros. O sentido da crueldade é o de devolver ao outro (o seu duplo) a posse da sua própria existência*

[1] Kant, **OPUS POSTUMUM**, Vrin, 1950, (Liasse I, F.as XI, p. 3) p. 46.





*que ele não tarda a perder. O algoz prevalece sobre a sua vítima muito acima das potencialidades de Deus, que nada pode fazer para o impedir. Os guinchos desta ecoam no silêncio celestial sem qualquer acolhimento.*

*O próprio estádio da loucura não desfere um rude golpe na bondade divina? A ascensão para o caos, a catatonia — o último caso apresentado em* **Aurélia** *— surge como uma desintegração atómica do indivíduo que mergulha na mais completa intransitividade com o mundo e com o seu provável criador.*

*O êxtase é a expressão reacional que deriva de uma certa ausência do divino. Através dele, o homem aborrecido, revela o seu interior numa situação de perversidade, porventura mais interessante do que a oblação pacífica.*

*É uma recusa em continuar inerte: no seu desregramento o indivíduo transforma-se em anjo excessivo, duplamente culpado por não adoptar a posição servil mas assumir o exemplo do Criador. No fundo faz aumentar a ruptura com aquele sem pôr em causa o princípio da violência, presente em todas as religiões.*

*Que imagem de Deus é possível concretizar assim? Cioran é mais pessimista defendendo que a distância entre o homem e Deus é tão incomensurável que este poderia substitui-lo com vantagem.*

*A participação na ordem cósmica temporal implica uma exclusão da ordem divina, e a consciência desse facto provoca um inevitável sofrimento.*

*A esse respeito uma definição do divino aparece como um fardo insustentável: "(...) podemos conce-*

*ber um mesmo deus cuja história se desenrolaria em duas fases: na primeira, sábio, exangue, concentrado em si próprio, sem nenhuma veleidade em se manifestar: um deus* **adormecido**, *extenuado pela sua eternidade; — na segunda, empreendedor, frenético, cometendo erro sobre erro, ele lança-se numa actividade condenável a um grau supremo."* [1]

*Um tal Deus é irrisório e até nefasto, contemplando a lenta agonia das figuras pouco combativas, que se embrenham cada vez mais no crepúsculo. Nesse sentido poderemos perceber o suicídio romântico sob o pretexto de busca do ilimitado. Ninguém se mata por causa de uma qualquer Lotte ou Aurélia a não ser que esse gesto o possa engrandecer a seus olhos. E como tantos outros românticos do seu tempo (Kleist e da mesma forma o caso de Antero de Quental), o suicídio de Nerval é uma retoma do poder de dispor do seu ser e da sua existência numa iniciativa de libertação: "(...) o suicídio puro. É ele — retirando todas as maiúsculas — que humilha, que esmaga Deus, a Providência e até o Destino." "É preciso estar ávido do absoluto para encarar o suicídio."* [2]

*Também Nerval, nessa sede de absoluto, sentiu a tentação agónica de dar uma espreitadela e rever-se no espelho da sua paz interior...*

JOSÉ M.ª CASELAS

(1) Cioran, **Le Mauvais Démiurge**, Gallimard, 1969, p. 14.
(2) Cioran, idib., p. 82, 84.



# PRIMEIRA PARTE

## I

O Sonho é uma segunda vida. Não posso atravessar, sem estremecer, as portas de marfim ou de chifre que nos separam do mundo invisível. Os primeiros instantes do sono são a imagem da morte, um entorpecimento nebuloso prende o nosso pensamento e não podemos mais determinar o instante preciso em que o **eu**, sob uma outra forma, continua a obra da existência. É um subterrâneo vago que se vai clareando pouco a pouco, e de onde se desprendem, na sombra e na noite, as pálidas figuras gravemente imóveis que habitam a morada dos limbos. Depois o quadro forma-se e uma claridade nova ilumina e faz entrar em jogo essas aparições bizarras — o mundo dos espíritos abre-se para nós.

Swedenborg chamava a essas visões Memorabilia; devia-as mais frequentemente ao sonho do que ao sono; o Asno de Ouro de Apúlio, a Divina Comédia de Dante são os modelos poéticos desses estudos da alma humana. Vou tentar transcrever, seguindo o seu

exemplo, as impressões de uma longa doença que se passou inteiramente nos mistérios do meu espírito. Não sei porque me sirvo deste termo — doença — visto que, no que me diz respeito, nunca me senti tão bem. Por vezes acreditava mesmo que a minha força e actividade tinha duplicado; parecia-me tudo saber, compreender tudo; a imaginação trazia-me infinitas delícias. Recuperando aquilo que os homens chamam a razão, será de lamentar tê-la perdido?...

Esta **Vita nuova** teve para mim duas fases. Eis as notas que se reportam à primeira: Uma dama que eu tinha amado durante muito tempo e que chamarei Aurélia estava perdida para mim. Pouco importa as circunstâncias deste acontecimento que deveria ter uma grande influência na minha vida. Cada um de nós pode procurar nas suas recordações a emoção mais dolorosa, a pancada mais terrível infligida na alma pelo destino; é preciso então resolver-se a morrer ou a viver: direi mais tarde porque não escolhi a morte. Condenado por aquela que amava, culpado por uma falta da qual não esperava perdão, apenas me restava lançar nos arrebatamentos vulgares; fingia alegria e despreocupação, corri mundo, loucamente inflamado de futilidade e capricho. Amava sobretudo os costumes bizarros das populações longínquas, parecendo-me que afastava assim as condições do bem e do mal, os termos, por assim dizer, do que é o **sentimento** para nós Franceses. — Que loucura, dizia, amar assim platonicamente uma mulher que não me ama. Isso é o defeito das minhas leituras, levar a sério as invenções dos poetas, fazendo uma Laura ou uma Beatriz a partir de uma pessoa vulgar do nosso século... Passemos a outras intrigas e essa





rapidamente será esquecida. O atordoamento de um jovial carnaval numa cidade de Itália expulsou todas as minhas ideias melancólicas. Estava tão feliz com o alívio que sentia que dava parte de minha alegria a todos os meus amigos e, nas minhas cartas, dizia-lhes que o estado constante do meu espírito não era mais do que uma sobreexcitação febril.

Um dia, chegou à cidade uma mulher de grande renome que se tornou minha amiga e que, habituada a agradar e a seduzir, me apresentou sem dificuldade ao círculo dos seus admiradores. Após um serão onde ela foi simultaneamente natural e plena de um charme que a todos chamava a atenção, senti-me enamorado dela a tal ponto que não tardei um instante a escrever--lhe. Estava tão feliz ao sentir o meu coração capaz de um novo amor!... Servi-me, nesse entusiasmo factício, das mesmas fórmulas que, pouco tempo antes, utilizara para descrever um verdadeiro e maduramente sentido amor. Assim que a carta partiu desejei retê-la, sonhando na solidão no que me parecia uma profanação das minhas recordações.

À noite rendi ao meu novo amor todo o prestígio do antigo. A dama mostrou-se sensível ao que lhe havia escrito, manifestando um certo espanto pelo meu súbito fervor. Tinha escalado num só dia vários degraus dos sentimentos que podemos conceber para com uma mulher aparentemente sincera. Ela confessou-me que eu a espantava com a distinção que lhe fazia. Tentei convencê-la mas, por mais que quisesse dizer-lhe, não via nos nossos encontros o diapasão do meu estilo, de modo que me enganava abusando dessa situação. As minhas confidências enternecidas tinham assim algum charme, e uma amizade mais

forte na sua doçura sucedeu aos vãos protestos de ternura.

## II

Mais tarde, encontrei-a numa outra cidade onde estava também a dama que eu amara sempre sem esperança. Um acaso fez com que se conhecessem, e a primeira teve ocasião, sem dúvida, de comover a meu respeito, aquela que me havia exilado do seu coração. De modo que um dia, encontrando-me numa sociedade da qual ela fazia parte, vi-a dirigir-se a mim e estender--me a mão. Como interpretar esse procedimento e o olhar profundo e triste que acompanhou a sua saudação? Acreditei ver aí o perdão do passado. O acento divino da piedade conferia às simples palavras que ela me dirigiu um valor inexprimível, como se qualquer coisa de religioso se misturasse às doçuras de um amor até aí profano, imprimindo-lhe o carácter da eternidade.

Um dever imperioso forçou-me a regressar a Paris, mas tomei logo a resolução de ficar poucos dias, retornando depois para junto das minhas duas amigas. A alegria e a impaciência provocavam-me uma espécie de atordoamento que se complicava com a preocupação das tarefas que deveria terminar. Uma noite, por volta da meia noite, caminhava por um subúrbio onde se situava a minha residência quando, levantando os olhos por acaso, reparei no número de uma casa iluminado por um candeeiro. Esse número era o da minha idade. Imediatamente, baixando os olhos, vi diante de mim uma mulher com uma





aparência lívida, com olhos cavos, que me pareceu possuir os traços de Aurélia. Disse para comigo: é a sua **morte** ou a minha que me é anunciada! Não sei porquê abandonei esta última suposição, mas afligi-me com a ideia de que poderia ser no dia seguinte à mesma hora. Nessa mesma noite, tive um sonho que confirmou o meu pensamento. Errava por um vasto edifício composto por várias salas, em que umas eram consagradas ao estudo e outras à conversação ou às discussões filosóficas. Detive-me com interesse numa das primeiras, onde julguei reconhecer os meus antigos mestres e condiscípulos. As lições continuaram versando autores gregos e latinos, com esse sussurro monótono que se assemelha a uma prece à deusa Mnémosine [1]. Passei para outra sala onde tinham lugar conferências filosóficas, em que tomei parte durante algum tempo, após o que saí para procurar o meu quarto numa espécie de hospedaria com escadas imensas, cheias de viajantes atarefados.

Perdi-me várias vezes nos longos corredores e, atravessando uma das galerias centrais, fui confrontado com um estranho espectáculo. Um ser com uma grandeza desmedida — homem ou mulher, não sei bem — rodava penosamente por cima, no espaço, parecendo debater-se com nuvens espessas. Faltando--lhe alento e força, tombou finalmente no meio da obscura corte, esbarrando e prendendo as suas asas ao longo dos tectos e dos balustres. Pude contemplá-lo um instante. Possuía uma coloração de tintas vermelhas, e as suas asas brilhavam com mil reflexos

[1] A deusa Memória. Júpiter amou-a e dela teve as Musas. Pariu sobre o Monte Piério (N.T.).

cambiantes. Vestido com uma antiga túnica longa com dobras, parecia-se com o Anjo da Melancolia de Albrecht Dürer. Não pude evitar um grito de pavor que me despertou em sobressalto.

No dia seguinte apressei-me a visitar todos os meus amigos. Despedia-me mentalmente deles, e sem nada lhes dizer em relação ao que me ocupava o espírito, dissertei calorosamente sobre temas místicos; impressionei-os com uma particular eloquência, parecendo saber tudo, como se os mistérios do mundo se me revelassem nessas horas supremas.

À noite, assim que a hora fatal pareceu aproximar-se, conversei com dois amigos numa mesa redonda, sobre pintura e música, definidoras do meu ponto de vista sobre a formação das cores e o sentido dos números. Um deles, de nome Paul xxx, quis levar-me a casa mas eu disse que não iria. "Onde vais tu?" perguntou-me ele, "Para o Oriente!" E enquanto ele me acompanhava, pus-me a procurar no céu uma Estrela, que acreditava conhecer, como se ela tivesse qualquer influência sobre o meu destino.

Tendo-a encontrado, continuei a marcha seguindo as ruas em direcção às quais ela era visível, caminhando, por assim dizer, ao encontro do meu destino, querendo vislumbrar a estrela até ao momento em que a morte me deveria atingir. Chegado entretanto ao cruzamento de três ruas, não quis ir mais além. Pareceu-me que o meu amigo desenvolvia esforços sobrehumanos para me tirar daquele lugar; aos meus olhos, ele aumentava tomando os traços de um apóstolo. Acreditei ver o lugar onde nos elevaríamos perdendo as formas que lhe davam a sua configuração urbana; sobre uma colina, circundada por vastos





ermos, essa cena tornar-se-ia o combate de dois Espíritos como uma tentação bíblica.

— Não! disse, eu não pertenço ao teu céu. Nessa estrela são esses que me esperam. Eles são anteriores à revelação que anunciaste. Deixa-me ir ter com eles, porque aquela que amo pertence-lhes e é lá que nos deveremos reencontrar!

## III

Aqui começou para mim o que chamarei o derramamento do sonho na vida real. A partir desse momento tudo ganhou, por vezes, um aspecto duplo, — e isso sem que faltasse jamais lógica ao raciocínio, e sem que a memória perdesse os mais pequenos detalhes do que me aconteceria. Apenas as minhas acções, aparentemente insensatas, seriam submetidas ao que, segundo a razão humana, chamamos ilusão...

Esta ideia surgiu-me umas duas vezes em certos momentos graves da vida, qual Espírito do mundo exterior que se encarna de repente sob a forma de uma pessoa vulgar, agindo ou tentando agir sobre nós, sem que essa pessoa tenha conhecimento ou grande recordação desse facto.

O meu amigo deixou-me, vendo os seus esforços inúteis e acreditando sem dúvida que se tratava de uma qualquer ideia fixa que a marcha acalmaria. Encontrando-me só, levantei-me com esforço e retomei em direcção à estrela sobre a qual nunca deixara de fixar os olhos. Cantava, caminhando, um hino misterioso que acreditava recordar como tendo-o aprendido numa outra existência, e que me enchia de

uma indescritível alegria. Ao mesmo tempo, abandonava as minhas roupas terrestres dispersando-as à minha volta. A rua parecia elevar-se sempre e a estrela engrandecia. Depois fiquei de braços abertos, esperando o momento em que a alma se iria separar do corpo, atraído magneticamente pela emanação da estrela. Senti então um calafrio; o pesar pela Terra e pelos que amava tocava-me o coração. Supliquei tão ardentemente ao Espírito que em mim mesmo me atraía que me pareceu tornar a regressar para junto dos homens. Uma ronda da noite circundou-me; tinha então a ideia de que me tornara gigantesco e que — todo inundado de forças eléctricas — iria derrubar todos quantos se aproximassem de mim. Havia qualquer coisa de cómico na preocupação que tinha em manejar as forças e as vidas dos soldados que me haviam recolhido.

Se não pensasse que a missão de um escritor é analisar sinceramente o que experimenta nas circunstâncias importantes da sua vida, e se não me tivesse proposto uma finalidade que julgo útil, deter-me-ia aqui e não tentaria descrever o que senti a seguir numa série de visões insensatas talvez, ou vulgarmente doentias... Estendido sobre uma cama de acampamento, acreditei ver o céu desvelar-se e abrir-se em mil aspectos de magnificências inauditas. O destino da Alma livre pareceu revelar-se-me como para me provocar a mágoa de ter querido agarrar-me de novo, com todas as forças do meu espírito, pondo o pé sobre a Terra que iria abandonar... Imensos círculos traçavam-se no infinito, como as orbes que se formam na água agitada pela queda de um corpo; cada região povoada por figuras radiosas coloria-se,





movia-se e criava-se a toda a roda, e uma divindade, sempre a mesma, rejeitava sorrindo as máscaras furtivas das suas diversas encarnações, e refugiava-se por fim, inatingível, nos místicos esplendores do céu da Asia.

Esta visão celeste, um dos fenómenos que toda a gente pode experimentar em certos sonhos, não me deixou indiferente ao que se passava à minha volta. Deitado sobre essa cama de acampamento, percebi que os soldados se ocupavam de um desconhecido detido como eu, cuja voz tinha ecoado na mesma sala. Por um singular efeito de vibração, pareceu-me que essa voz ressoara no meu peito e a minha alma se duplicara, por assim dizer, distintamente partilhada entre a visão e a realidade. Num instante tive a ideia de regressar com esforço para aquele que estava a ser questionado, depois estremeci ao lembrar-me de uma tradição bem conhecida na Alemanha, que diz que cada homem tem um duplo e que, assim que o vê, a morte está próxima. Fechei os olhos e entrei num estado de espírito confuso, onde as figuras fantásticas ou reais que me rodeavam se dividiam em mil aparências fugidias. Nesse instante vi perto de mim dois dos meus amigos que me reclamavam, e os soldados indicaram-me. Depois a porta abriu-se e alguém com a minha estatura, de que não vi o rosto, saía com os meus amigos que tentava recordar em vão.

— Mas enganam-se! Gritei, sou eu quem vieram buscar e é um outro que sai! — Fiz tanto barulho que me meteram no calabouço.

Aí fiquei várias horas numa espécie de embrutecimento e por fim, os dois amigos que pensava ter

visto já vieram buscar-me com um carro. Contei-lhes tudo o que se havia passado mas eles negaram ter vindo durante a noite. Jantei com eles tranquilamente, mas à medida que a noite se aproximava parecia-me que devia temer a mesma hora em que a vigília se arriscava a ser-me fatal. Pedi a um deles o anel oriental que trazia no dedo e que via como um antigo talismã e, pegando num lenço de seda, atei-o à volta do pescoço, tendo a preocupação de virar o engaste, composto por uma turquesa, para um ponto onde sentia uma dor. Para mim, o ponto seria por onde a alma poderia sair no momento em que um certo raio de luz, partindo da estrela que tinha visto na cidade, coincidisse comigo e com o seu zénite. Seja por acaso, seja por efeito da minha forte preocupação, tombei fulminado à mesma hora que soava na cidade. Meteram-me sobre uma cama e, durante muito tempo, perdi o sentido e o nexo das imagens que se me ofereciam. Este estado durou vários dias. Fui transportado para uma casa de saúde. Muitos parentes e amigos visitaram-me sem que tivesse conhecimento desse facto. A única diferença para mim, entre a vigília e o sono, era que, na primeira, tudo se transfigurava a meus olhos; cada pessoa que se aproximava de mim parecia mudada, os objectos materiais possuíam como que uma penumbra que lhes modificava a forma, e os jogos de luz, as combinações de cores decompunham-se de maneira a manter-me numa série constante de impressões que se ligam entre si, sobre as quais o sonho, o mais desprendido dos elementos exteriores, desenvolveria novas probabilidades.





## IV

Numa noite, acreditei com toda a certeza ser transportado sobre as margens do Reno. Diante de mim encontravam-se sinistros rochedos cuja perspectiva se esboçava na sombra. Entrei numa casa aprazível, onde um raio de pôr-do-sol atravessava alegremente os contraventos verdes que circundavam a vinha. Pareceu-me que entrava numa morada conhecida, a de meu tio por parte de mãe, pintor flamengo, morto há um século. Os quadros ainda em esboço estavam suspensos aqui e ali; um deles representava a fada destas paragens. Uma velha serviçal, a quem chamarei Marguerite e que parecia conhecer-me desde a infância, disse-me: "Não vai deitar-se? Vem de longe e o vosso tio chegará tarde; acordá-lo-emos para a ceia." Estendi-me sobre uma cama com colunas revestidas por uma tapeçaria persa com grandes flores vermelhas. Havia à minha frente um relógio rústico encostado à parede e, sobre ele, um pássaro que começou a falar como uma pessoa. Fiquei com a ideia que no pássaro estava o meu avô, mas espantava-me menos a sua linguagem e a sua forma que o facto de me ver transportado um século atrás. O pássaro falava-me de pessoas de família vivas ou mortas em diferentes alturas, como se existissem simultaneamente e disse-me: "Vê agora como o seu tio teve a preocupação de fazer o seu retrato antecipadamente... agora ela está connosco." Dirigi os olhos para uma tela que representava uma mulher com trajos antigos à alemã, debruçada sobre a margem do rio, olhando um tufo de miosótis. Entretanto a noite escurecia a pouco e pouco, e os

aspectos e a percepção dos lugares confundiam-se no meu espírito sonolento; julguei tombar num abismo que atravessava o globo. Senti-me levado sem sofrimento por uma corrente de metal fundido, e mil rios semelhantes, com as colorações indicando os diferentes químicos, sulcavam o seio da terra como os vasos e as veias que serpenteiam os lóbulos do cérebro. Tudo se juntava, circulava e vibrava assim, e eu tive a sensação de que essas correntes eram compostas por almas vivas, em estado molecular, que a rapidez da viagem me impedia de distinguir. Uma claridade esbranquiçada infiltrava-se a pouco e pouco nessas condutas e vi, por fim, alargar-se assim uma vasta cúpula, um horizonte novo onde se traçavam ilhas circundadas por ondas luminosas. Encontrei-me numa costa iluminada por este dia sem sol, e vi um velho que cultivava a terra. Reconheci-o como sendo o mesmo que me falava pela voz do pássaro e, seja porque ele me falou, seja porque o compreendi em mim mesmo, tornou-se-me claro que os antepassados tomam a forma de certos animais para nos visitar sobre a Terra, assistindo assim, mudos observadores, às fases da nossa existência.

O velho abandonou o seu trabalho e acompanhoume até uma casa que se elevava perto dali. A paisagem que nos cercava lembrava-me a de uma região da Flandres francesa onde os meus pais tinham vivido e onde estavam sepultados: o campo circundante de arvoredos como orlas de madeira, o lago vizinho, o rio e o lavadouro, a vila e a rua que sobe, as colinas de grés sombrias com os seus tufos de giesta e urze — imagem rejuvenescida dos lugares que tinha amado. Apenas a casa onde entrara não me era





conhecida. Compreendi que ela existira num tempo qualquer, e que neste mundo que visitava agora, o fantasma das coisas acompanhava o do corpo.

Entrei numa vasta sala onde estavam reunidas muitas pessoas. Por todo o lado reencontrava figuras conhecidas. As feições dos parentes mortos que havia chorado estavam reproduzidas noutros que, vestidos com trajos mais antigos, me prestavam o mesmo acolhimento paternal. Pareciam estar reunidos para um banquete de família. Um destes parentes veio ter comigo e abraçou-me ternamente. Trazia uma roupa antiga cujas cores pareciam desbotadas e, o seu rosto sorridente sob os cabelos empoeirados, tinha alguma semelhança com o meu. Parecia-me mais vivo do que os outros e, por assim dizer, numa relação mais voluntária com o meu espírito. Era o meu tio. Fez-me sentar perto de si e uma espécie de comunicação estabeleceu-se entre nós, porque apenas posso dizer que percebia a sua voz na medida em que o meu pensamento se fixava sobre um ponto. A explicação tornava-se-me bastante clara, e as imagens definiam-se diante dos meus olhos como pinturas animadas.

— Isso é então verdadeiro — disse deslumbrado, nós somos imortais e conservamos aqui as imagens do mundo que habitámos. Que felicidade sonhar que tudo o que amámos existirá sempre à nossa volta!... Estava cansado da vida!

— Não te apresses no regozijo, disse ele, porque tu ainda pertences ao mundo de cima e tens que suportar duros anos de provas. A morada que te encanta tem ela mesma as suas lutas e os seus perigos. A terra onde vivemos é sempre o teatro onde se prendem e desprendem os nossos destinos; nós somos

os raios do fogo central que o anima e que já enfraqueceu...

— O quê? disse eu, a Terra poderá desaparecer e nós seremos invadidos pelo nada?

— O nada, disse ele, não existe no sentido em que o entendemos, mas a Terra é, ela própria, um corpo materia em que a soma dos espíritos constitui a alma. A matéria não é eterna como o espírito mas pode modificar-se segundo o bem e o mal. O nosso passado e o nosso futuro são solidários. Vivemos na nossa raça e a nossa raça vive em nós.

Tornei-me bastante sensível a esta ideia, como se os muros da sala se abrissem em infinitas perspectivas, e pareceu-me ver uma cadeia ininterrupta de homens e mulheres que eu fui e que foram eu mesmo; as roupas de todos os povos, as imagens de todos os países apareciam-me distintamente de uma só vez, como se as minhas faculdades da atenção se multiplicassem sem se confundir, através de um fenómeno de espaço análogo àquele do tempo que permite concentrar um século de acção num minuto de sonho. O meu espanto aumentou vendo que essa imensa recapitulação se baseava nas personagens que se encontravam na sala, as quais vi dividirem-se e combinarem-se em mil aspectos fugidios.

— Nós somos sete, disse ao meu tio.

— Com efeito, disse ele, é o número típico de cada família humana e, por extensão, sete vezes sete, e assim por diante ([1]).

---

([1]) O Sete era o número da família de Noé, mas um dos sete uniu-se misteriosamente às primeiras gerações dos Eloim!.. A imaginação, como um clarão, representou-me os múltiplos deuses da India como imagens primitivamente concentradas, por assim dizer. Temi ir mais além, porque na Trindade reside ainda um mistério terrível... Nós fomos criados sob a lei bíblica... ( N.A.)





Não posso esperar que compreendam esta resposta que, mesmo para mim, permaneceu obscura. A metafísica não me forneceu termos para a percepção que vem da relação entre esse número de pessoas e a harmonia geral. Concebemos perfeitamente no pai e na mãe a analogia das forças eléctricas da natureza mas, como estabelecer os centros individuais que emanam deles e dos quais eles emanam como uma figura anímica colectiva, cuja combinação será simultaneamente múltipla e limitada?

Do mesmo modo pediríamos contas à flor sobre o número das suas pétalas ou sobre as divisões da sua corola... ao solo as figuras que ele traça, ao sol as cores que produz.

## V

Tudo mudava de forma em meu redor, o espírito com o qual conversava não tinha mais o mesmo aspecto. Era um jovem que agora recebia mais as ideias de mim do que mas comunicava... Tinha ido longe demais até às alturas que nos dão a vertigem? Julgava compreender que estas questões eram obscuras ou perigosas, mesmo para os espíritos do mundo que então percepcionava...

Talvez um poder superior me impedisse estas investigações. Encontrei-me a errar pelas ruas de uma cidade muito populosa e desconhecida. Notei que ela estava esmagada entre colinas e dominada por um monte coberto de habitações. Através do povo desta capital, distingui certos homens que me pareciam pertencer a uma nação particular: o seu ar vivo, resoluto, o acento enérgico dos seus traços fez-me sonhar com as raças independentes e guerreiras dos países das montanhas ou de certas ilhas pouco frequentadas pelos estrangeiros. Todavia, é no meio de uma grande cidade que eles conseguem manter a sua individualidade indomável. Quem eram então estes homens? O meu guia fez-me subir ruas escarpadas e barulhentas onde ressoavam diversos ruídos de indústria. Trepámos ainda por longas séries de escadas, para além das quais a vista se estendia. Aqui e ali, terraços revestidos por gradeamento, jardins arranjados num qualquer espaço aplanado, tectos, pavilhões levemente construídos, pintados e esculpidos com uma paciência caprichosa; perspectivas unidas por vastas trepadeiras de verdura, seduzindo o olho e agradando ao espírito como o aspecto de um oásis delicioso, de uma solidão ignorada por cima do tumulto e dos barulhos da cidade em baixo, que daqui não eram mais do que um murmúrio. É comum falarmos de nações proscritas, vivendo à sombra das necrópoles e das catacumbas; aqui era sem dúvida o contrário. Uma raça feliz criou este retiro amado pelos pássaros, de flores, de ar puro e de claridade. São, diz-me o meu guia, os antigos habitantes desta montanha que domina a cidade onde estamos neste momento. Viveram durante muito tempo com cos-





tumes simples, justos e atraentes, conservando as virtudes naturais dos primeiros dias do mundo. O povo em redor honrava-os e seguia-lhes o modelo.

Desci do ponto em que me encontrava, seguindo assim o meu guia, numa dessas habitações altas em que, todas unidas, apresentavam esse estranho aspecto. Parecia-me que os meus pés se afundavam em camadas sucessivas de edifícios de diferentes épocas. Estes fantasmas de construções revelavam outras, onde se distinguia o gosto particular de cada século, apresentando o aspecto das escavações que fazemos nas cidades antigas, sendo esta, aérea, viva, atravessada por mil jogos de luz. Encontrei-me por fim numa vasta sala onde vi um ancião trabalhando diante de uma mesa em não sei que indústria. No momento em que atravessei a porta, um homem vestido de branco, cuja fisionomia mal se distinguia, ameaçou-me com uma arma que tinha na mão, mas aquele que me acompanhava fez-lhe sinal para se afastar. Parecia que me queriam impedir de penetrar no mistério destes retiros. Sem nada perguntar ao meu guia, compreendi por intuição que estas elevações e, ao mesmo tempo, estas profundezas eram o retiro dos primitivos habitantes da montanha. Desafiando sempre a onda invasora de novas raças acumuladas, eles viviam aí com costumes simples, amáveis e justos, destros, firmes e engenhosos, pacíficos vencedores das massas cegas que tantas vezes invadiram a sua herança. Qual quê! Nem corrompidos, nem destruídos, nem escravos; puros, embora tendo vencido a ignorância, conservam com desafogo as virtudes da pobreza!

Uma criança divertia-se na terra com cristais, conchas e pedras gravadas, fazendo sem dúvida de um estudo um jogo. Uma mulher idosa, mas ainda bela, ocupava-se com os cuidados do lar. Nesse momento vários jovens entram ruidosamente, como que regressando dos seus trabalhos. Admirei-me por vê-los todos vestidos de branco, mas parece que se tratava de uma ilusão da minha vista. Para a tornar sensível o meu guia pôs-se a desenhar-lhes o vestuário que tingia com cores vivas, fazendo-me crer que eles eram assim na realidade. A brancura que me espantava provinha talvez de um brilho particular, de um jogo de luz onde se confundiam as tintas vulgares do prisma. Saí do quarto e vi-me sobre um terraço disposto em canteiro. Aí passeavam-se raparigas e crianças com roupas que me pareceram brancas como as outras, mas estavam bordadas de cor de rosa. Estas pessoas eram tão belas, os seus traços tão graciosos e o brilho da sua alma transparecia tão vivamente através das suas formas delicadas, que inspiravam todos uma espécie de amor sem preferência e desejo, sintetizando todos os arrebatamentos das paixões vagas da juventude.

Não consigo exprimir o sentimento que experimentei no seio destes seres encantadores, que me eram caros sem que eu os conhecesse. Era como uma família primitiva e celeste, cujos olhos sorridentes procuravam os meus com doce compaixão. Comecei a chorar lágrimas quentes como se recordasse um paraíso perdido. Ali senti amargamente que era apenas um **viandante** nesse mundo, simultaneamente estranho e querido, e estremeci com o pensamento de que deveria retornar à vida. Mulheres e crianças





passavam por mim, tentando em vão reter-me. Já as suas formas deslumbrantes se fundiam em confusos vapores; os seus belos rostos empalideciam e os seus fortes traços, com olhos cintilantes, perdiam-se numa sombra onde luzia ainda o último clarão de um sorriso...

Tal foi a visão ou tais foram, pelo menos, os detalhes principais de que guardei recordação. O estado cataléptico em que permaneci durante vários dias foi-me explicado cientificamente, e as descrições daqueles que me viram assim causaram-me uma espécie de irritação, quando notei que atribuíam a uma perturbação do espírito os movimentos e as palavras coincidentes com as diversas fases do que constituía, para mim, uma série de acontecimentos lógicos. Preferia de entre os meus amigos os que, com uma paciência complacente e com uma ordem de ideias igual à minha, me faziam narrações de coisas que tinha visto em espírito. Um deles disse-me chorando: "Não é verdade que existe um Deus?" Sim! disse-lhe eu com entusiasmo. E abraçámo-nos como dois irmãos dessa pátria mística que tinha vislumbrado. Que felicidade encontrava nesta convicção! Assim essa dúvida eterna sobre a imortalidade da alma que afecta os melhores espíritos estava resolvida para mim. Não mais a morte, não mais a tristeza, não mais a inquietação. Aqueles que amava, familiares e amigos, davam-me indicações seguras da sua existência eterna, e eu não me encontrava separado deles senão durante as horas do dia. Esperava as da noite numa doce melancolia.

## VI

Tive ainda um sonho que me confirmou este pensamento. Encontrava-me, de repente, numa sala que fazia parte da residência do meu avô. Mas ela parecia ter aumentado. Os velhos móveis luziam com um polimento maravilhoso, os tapetes e os cortinados estavam como novos, nesse dia mais brilhante do que o dia normal que entrava pela vidraça da janela e pela porta, havendo no ar um perfume e uma frescura das primeiras manhãs tépidas da primavera. Três mulheres trabalhavam nesse compartimento e, sem o parecer absolutamente, representavam parentes e amigos da minha juventude. Parecia que cada um possuía os traços de várias pessoas. Os contornos das suas figuras variavam como a chama de uma lâmpada e, a todo o momento, passava qualquer característica de um para outro; o sorriso, a voz, a cor dos olhos, da cabeleira, a estatura, os gestos habituais mudavam como se eles tivessem vivido todos a mesma vida, e cada um fosse assim um composto de todos, de modo semelhante a certos tipos que os pintores imitam de vários modelos para realizar uma beleza completa.

A mais velha falou-me com uma voz vibrante e melodiosa que reconheci por tê-la escutado na infância. Disse-me qualquer coisa que me tocou pela sua profunda justeza. Isso fez-me pensar em mim próprio, e notei que estava vestido com um pequeno hábito escuro com formas antigas, inteiramente urdido com agulhas de ténues fios como teias de aranha, elegante, gracioso e impregnado de doces odores. Sentia-me rejuvenescido e todo janota nessa roupa que saíra das suas mãos de fada. Agradeci-lhes,





corando como se fosse uma criança diante de belas damas. Foi então que uma delas se levantou, dirigindo-se para o jardim.

Todos sabem que nos sonhos não vemos nunca o sol, se bem que tenhamos muitas vezes a impressão de uma claridade muito mais viva, como se objectos e os corpos fossem luminosos por si próprios. Vi-me num pequeno recinto vedado, onde se prolongavam ramadas de parreiras carregadas de uvas brancas e pretas. A dama avançava sob essas parreiras à medida que me guiava, e a sombra das janelas gradeadas continuava a variar as suas formas a meus olhos. Ela saiu finalmente e encontrámo-nos num espaço aberto. Apercebia-se a custo o vestígio de antigos homens que as haviam cortado em cruz. Há anos que tinham desleixado as culturas vendo-se plantas dispersas como clematites, lúpulos, madressilvas, jasmins, heras, aristolóquias, que estendiam vigorosamente o seu longo entrançado de lianas por entre as árvores. Os ramos carregados de frutos dobravam-se até ao chão e, por entre tufos de ervas daninhas, desabrochavam algumas flores de jardim em estado selvagem.

De longe em longe, elevavam-se maciços de álamos, acácias e pinheiros, no seio dos quais se entreviam estátuas enegrecidas pelo tempo. Notei diante de mim um amontoado de rochas cobertas por hera, de onde jorrava uma fonte de água viva, cujo marulhar harmonioso ressoava sobre uma salva de água adormecida meio escondida por largas folhas de nenúfar.

A dama que eu seguia deu um trejeito à cintura, num movimento que fez reluzir as dobras do seu

vestido em tafetá, e enlaçando graciosamente com um braço um longo caule de malva-rosa, começou a aumentar sob um raio claro de luz, de tal modo que, pouco a pouco, ia ficando do tamanho do jardim. Os canteiros e as árvores tornaram-se as rosáceas e os bordos do seu vestido; enquanto a sua cabeça e os braços imprimiam contorno às purpúreas nuvens do céu. Perdi-a de vista à medida que se transfigurava, visto que ela pareceu desvanecer-se na sua própria grandeza. "Oh! Não fujas!" gritei "Assim a Natureza desaparecerá contigo!" Ouvindo estas palavras, caminhei penosamente através das silvas, como que para agarrar a sombra engrandecida que me escapava, quando choquei com um lanço do muro degradado, ao pé do qual jazia um busto de mulher... Revendo-o, fiquei persuadido de que era o **seu**... Reconheci as formas queridas e também os olhos virados para mim. Vi que o jardim tomava o aspecto de um cemitério, enquanto vozes me diziam: "Todo o Universo está mergulhado na noite!"

## VII

Este sonho, inicialmente feliz, lançou-me numa grande perplexidade. O que significaria? Soube-o mais tarde: Aurélia tinha morrido.

Soubera apenas a notícia da sua doença, que me provocara no espírito um vago desgosto misturado com esperança. Acreditava igualmente não ter muito tempo de vida e estava convencido da existência de um mundo onde os corações dos amantes se reencontrariam. De resto ela pertencia-me muito mais





estando morta do que viva... Pensamento egoísta que a minha razão deveria pagar mais tarde com uma amarga mágoa.

Não gostaria de abusar dos pressentimentos, mas o acaso tece estranhas coincidências. De facto, senti uma viva preocupação devido a uma recordação sobre a nossa rápida união. Tinha-lhe dado um anel antigo, cujo engaste era formado por uma opala talhada em coração. Como o anel lhe ficava largo no dedo tive a fatal ideia de o mandar cortar para diminuir o aro. Apercebi-me do meu erro ouvindo o ruído da serra. Pareceu-me ver o sangue a correr...

As preocupações artísticas fizeram-me regressar à saúde sem ter ainda restabelecido no meu espírito o curso normal da razão humana. A casa onde me encontrava ([1]) situava-se num alto, possuindo um vasto jardim plantado com preciosas árvores. O ar puro da colina onde estava essa casa, assim como os primeiros sopros da primavera, acalmaram-me durante largos dias.

As primeiras folhas dos sicômoros encantavam-me pela vivacidade das suas cores, semelhantes aos penachos dos galos do Faraó. A visão que se estendia por cima da planície apresentava horizontes singulares, desde manhã até ao pôr-do-sol, cujas matizes cromáticas agradavam à minha imaginação. Povoava as encostas e as nuvens com figuras divinas de formas bem definidas. Antes de mais pretendia fixar as minhas visões preferidas e, com a ajuda de carvão e pedaços de tijolo que juntava, cobria os muros com

([1]) Clínica Dr. Esprit Blanche, em Folie Sandrin, Rue Trainée, hoje Rue Norvins, 22, em Montmartre. (N.T.).

uma série de frescos, concretizando as minhas impressões. Uma figura dominava todas as outras: a de Aurélia, pintada com os traços de uma divindade, tal como a que aparecera no meu sonho. A seus pés girava uma roda, enquanto os deuses lhe faziam a corte. Consegui colorir este grupo espremendo o suco das ervas e das flores. Quantas vezes sonhei com este querido ídolo! Tentei ir mais longe, modelando com terra o corpo daquela que amava. Porém, todas as manhãs tinha que refazer o meu trabalho, porque os loucos, invejosos com a minha felicidade, compraziam-se a destruir a imagem dela.

Deram-me papel, onde durante muito tempo, me ocupei a representar uma espécie de história do mundo, misturada com recordações de estudos ou de sonhos em mil figuras, em verso ou com inscrições em todas as línguas conhecidas, que a minha obsessão tornava significativas.

Não me ficava apenas pelas tradições modernas da criação. O meu pensamento remontava além disso, entrevendo como numa recordação, o primeiro pacto feito pelos génios por meio de talismãs. Tentei reunir as pedras da **Távola sagrada**, representando à sua volta os sete primeiros Eloim ([1]) que partilharam o mundo.

Este sistema histórico, tirado das tradições orientais, começava por um feliz acordo entre as potências da Natureza, formando e organizando o universo. Durante a noite que precedeu o meu trabalho, acreditei ser transportado para um planeta

---

([1]) Eloim — um dos nomes de Deus no Antigo Testamento, surgindo no plural e raramente na forma singular — Eloá. (N. T.)





obscuro onde se debatiam os primeiros germes da criação. No seio da argila ainda mole elevavam-se gigantescas palmeiras, eufórbios venenosos e acantos enroscados em volta de cactos — figuras áridas de rochedos enlaçados como esqueletos desta primeira forma de criação onde horrendos répteis serpenteavam, estendendo-se e alargando-se no meio desta inextricável rede de vegetação selvagem. Uma pálida luz dos astros iluminava apenas as perspectivas azuladas deste estranho horizonte. No entanto, à medida que as criaturas se formavam, uma estrela mais intensa colhia aí os germes da claridade.

## VIII

Depois os monstros mudaram de forma e, despojando-se da sua primeira pele, surgiram mais poderosos sobre gigantescas patas. A enorme massa dos seus corpos quebrava os ramos e as pastagens e, nessa natureza desordenada, entregavam-se a combates em que eu próprio tomava parte, pois tinha um corpo tão estranho como os seus. De súbito, uma singular harmonia ressoou na nossa solidão e pareceu-me que os gritos, os rugidos e os silvos confusos dos seres primitivos se modelavam sob esse sopro divino. As variações sucediam-se infinitamente e o planeta clareava a pouco e pouco. As formas divinas desenhavam-se sobre a verdura e no interior dos arvoredos e, doravante domados, via todos os monstros despojarem-se das suas formas bizarras tornando-se uns homens e mulheres, ao passo que os outros se revestiam nas suas transformações, dando

lugar a figuras de bestas selvagens, peixes e pássaros.

Quem teria feito este milagre? Uma deusa radiosa guiava a evolução rápida do Homem nestas novas metamorfoses. Estabeleceu então uma distinção entre as raças que, partindo das espécies de pássaros, compreendia igualmente as bestas, os peixes e os répteis.

Eram as Divas, os Peris, as Ondinas e as Salamandras; cada vez que morria um destes seres renascia logo sob uma forma mais bela, cantando a glória dos deuses.

Entretanto um destes Eloim pensou criar uma quinta raça, composta por elementos terrestres a que chamamos Afritas. Isso deu lugar a uma autêntica revolução entre os Espíritos que não queriam reconhecer os novos senhores do mundo. Não sei quantos milhares de anos duraram estes combates que ensanguentaram o globo. Três destes Eloim, conjuntamente com os Espíritos da sua raça, foram por fim relegados para o centro da Terra, onde fundaram vastos reinos. Levaram consigo os segredos da divina **cabala** que une os mundos e retira a sua força da adoração de certos astros aos quais correspondem. Estes necromantes, banidos para os confins da Terra, chegaram a acordo sobre a transmissão de seu poder. Rodeados por mulheres e escravos, cada um destes soberanos assegurou o poder de renascer sob a forma de um dos seus filhos. A duração da sua vida era de mil anos. Com a proximidade da sua morte eram envolvidos por poderes cabalistas, em sepulcros bem protegidos, onde deitavam elixires e substâncias que os conservavam. Mantinham assim uma vida aparente durante





muito tempo, como crisálidas que fiam o seu casulo, onde dormiam durante quarenta dias até renascerem depois sob a forma de um jovem a quem chamavam mais tarde a reger o império.

Entretanto as forças vivificantes da terra consumiam-se ao alimentar estas famílias, cujo sangue, sempre o mesmo, inundava os novos descendentes. Nos vastos subterrâneos cavados sob os hipogeus e sob as pirâmides, acumularam-se todos os tesouros das antigas raças e determinados talismãs que os protegiam da cólera dos deuses.

Foi no centro de Africa, para além das montanhas da Lua e da antiga Etiópia que tiveram lugar estes mistérios. Gemi durante muito tempo no cativeiro acompanhado por uma parte da raça humana. Os arvoredos que eu outrora vira tão verdes não possuíam senão pálidas flores e folhagens fanadas. Um sol implacável devorava estas regiões, e as crianças enfraquecidas destas eternas dinastias pareciam sobrecarregadas com o peso da vida. Esta grandeza imponente e monótona, regida pela etiqueta e pelas cerimónias hieráticas, pesava a todos sem que ninguém ousasse escapar-lhe. Os velhos desfaleciam sob o peso das suas coroas e dos ornamentos imperiais, entre os médicos e os padres, cuja sabedoria lhes garantia a imortalidade. Quanto ao povo, inevitavelmente engrenado nas divisões das castas, não podia contar nem com a vida eterna nem com a liberdade. Ao pé das árvores atingidas pela morte e pela esterilidade, nas embocaduras das fontes secas, sobre a erva queimada, viam-se enfraquecer crianças e raparigas debilitadas e sem cor. O esplendor dos aposentos reais, a majestade dos pórticos, o brilho das

vestimentas e dos adornos, mais não era do que uma fraca consolação para o eterno aborrecimento destas solidões.

Em breve estes povos foram dizimados por doenças, as bestas e as plantas morreram e os próprios imortais decaíram sob os seus pomposos trajos. Um flagelo maior do que os habituais viera subitamente rejuvenescer e salvar o mundo. A constelação de Orion abriu-se no céu em cataratas de águas; a Terra, demasiado carregada com os gelos do pólo oposto, fez meia-volta sobre si mesma e os mares, galgando as margens refluíram sobre os planaltos da Africa e da Asia. A inundação penetrou as areias enchendo túmulos e pirâmides e, durante quarenta dias, uma arca misteriosa passeou-se sobre os mares levando a esperança de uma nova criação.

Três dos Eloim tinham-se refugiado no cimo mais alto das montanhas de Africa, começando a combater entre si. Aqui a minha memória perturbou-se e eu deixei de saber o desfecho dessa luta suprema. Apenas vejo ainda em pé sobre um pico banhado pelas águas, uma mulher abandonada por eles que grita, com os cabelos desgrenhados, debatendo-se com a morte. Os seus ruídos lamurientos sobrepõem--se ao som das águas... Terá sido salva? Ignoro-o. As deusas, suas irmãs, tinham-na condenado, mas por cima da sua cabeça brilhava a Estrela da noite, espalhando raios inflamados sobre a sua fronte.

O hino da terra que fora interrompido ressoava de novo harmoniosamente, consagrando a aliança das novas raças. E enquanto os filhos de Noé trabalhavam sob os raios de um sol renovado, os necromantes, escondidos nas suas moradas subterrâneas, aí





guardavam os seus tesouros comprazendo-se com o silêncio da noite. Por vezes saíam timidamente dos seus asilos, vindo aterrorizar os vivos ou divulgar aos canalhas funestas lições da sua ciência.

Tais são as recordações que guardo numa espécie de intuição do passado. Tremo ao reproduzir os pormenores horrendos dessas raças malditas. Por todo o lado morre, chora ou definha a imagem sofredora da Mãe eterna. Vemos sempre renovar-se a sangrenta cena de orgia e massacre, através das indefinidas civilizações da Asia e de Africa, que os mesmos espíritos reproduzem sob novas formas. A última passou-se em Granada onde o talismã sagrado desabou sob golpes inimigos dos cristãos e dos Mouros. Quantos anos terá que sofrer ainda o mundo, pois é necessário que a vingança destes eternos inimigos se renove sob outros céus! São os pedaços disseminados da serpente que envolve a Terra... Separados pelo ferro, deleitam-se numa terrível cópula cimentada pelo sangue dos homens.

## IX

Tais foram as imagens que se mostraram alternadamente a meus olhos. Pouco a pouco o meu espírito recuperou a calma, e abandonei essa morada que era para mim um paraíso. Circunstâncias fatais prepararam, muito tempo depois, uma recaída que reatou a série interrompida destes estranhos sonhos. Passeava no campo ocupado com trabalhos que se prendiam a questões religiosas quando, ao passar diante de uma casa, ouvi um pássaro que falava numa

linguagem que lhe haviam ensinado, mas cuja confusa tagarelice me parecia ter sentido. Ele recordava-me a visão que contei atrás, o que me provocou um estremecimento de mau augúrio.

Alguns anos depois relatei-o a um amigo, que não via há muito tempo e que residia numa casa próxima. Ele quis mostrar-me a sua propriedade e, nessa visita, fez-me subir a um terraço elevado onde se entrevia um vasto horizonte. Era o pôr-do-sol. Ao descer os degraus de uma escada rústica, dei um passo em falso e o meu peito foi embater no ângulo de um móvel. Fiz bastante força para me reerguer e dirigi-me até ao meio do jardim, acreditando estar mortalmente ferido, mas querendo antes de morrer deitar um último olhar para o sol que se punha. No meio do pesar que envolve uma situação destas sentia-me feliz por morrer assim numa hora como esta, no meio das árvores, das ramadas e das flores do Outono. Porém não foi senão um desmaio, após o qual tive ainda forças para voltar para casa e meter-me na cama. A febre apoderou-se de mim, fazendo-me recordar que tinha caído de um ponto alto. Lembrei-me que a vista que tanta admiração me havia suscitado, dava para um cemitério, o mesmo onde se encontrava o túmulo de Aurélia. Então pensei verdadeiramente nesse facto, podendo atribuir a minha queda à impressão que me fez sentir esse acontecimento. Isso mesmo me deu a ideia de uma fatalidade mais definida. Lamentei-o, tanto mais que a morte não me reunira a ela. Depois, sonhando com esse encontro pensei não ter sido suficientemente digno. A vida que levara após a sua morte surgiu-me como amargamente reprovável, não por tê-la esquecido, o que





nunca chegou a acontecer, mas por ter ultrajado a sua memória com amores fáceis. Esta ideia persistia durante a vigília, mas a sua imagem que sempre me aparecera frequentemente regressava aos meus sonhos. Tinha apenas sonhos confusos, misturados com cenas sangrentas. Parece que uma fatalidade se tinha desencadeado sobre toda uma raça, no seio de um mundo ideal que vira outrora e do qual ela era a rainha. O mesmo Espírito que me tinha ameaçado — assim que eu entrara na morada daquelas famílias puras que habitavam as alturas da **Cidade misteriosa** — passou por mim, não mais com o vestuário branco que trazia antes, tal como os da sua raça, mas trajado como um príncipe do Oriente. Dirigi-me para ele, ameaçando-o, mas ele virou-se tranquilamente para mim. O Terror! O Cólera!

Era o meu rosto, era toda a minha forma idealizada e engrandecida... Lembrei-me então daqueles que me haviam detido na mesma noite em que, assim o pensava, teriam feito sair outro com o meu nome da casa da guarda, quando dois amigos me foram buscar. Ele trazia na mão uma arma com formas mal definidas e um dos que me acompanhava disse: " Foi com isto que ele atirou ".

Não sei explicar como no meu pensamento, os acontecimentos terrestres podem coincidir com os do mundo sobrenatural. Isso é mais fácil de **sentir** do que enunciar claramente ([1]). Mas qual era então esse Espírito que estava em mim e fora de mim? Era o

([1]) Faço aqui alusão à pancada que tinha recebido com a minha queda (N.A.).

**Duplo** das lendas ou esse místico irmão que os Orientais chamam Ferouer?

Não ficara emocionado com a história desse cavaleiro que combatia toda a noite numa floresta contra um desconhecido que era ele próprio? O que quer que seja, creio que a imaginação humana não inventa nada que não seja verdadeiro, neste mundo ou nos outros, e não posso duvidar do que **vi** distintamente.

Uma ideia terrível surgiu em mim: o homem é duplo, disse. "Sinto dois homens dentro de mim", escreveu um Padre da Igreja. O concurso de duas almas depôs esse germe misto num corpo que ele mesmo oferece à vista, com duas porções similares reproduzidas em todos os órgãos da sua estrutura. Há em todos os homens um espectador e um actor. Aquele que fala e o que responde. Os Orientais viram aí dois inimigos: o génio bom e o mau. Serei o bom? Serei o mau? Perguntava-me. Em todo o caso, o **outro** é-me hostil... Quem sabe se não existe uma altura ou uma idade em que esses dois espíritos se separam? Estão presos os dois, no mesmo corpo através de uma afinidade material, e talvez um seja prometido à glória e o outro ao aniquilamento e ao sofrimento eterno. Um clarão fatal atravessou de um só golpe esta obscuridade... Aurélia já não era minha!... Julguei ouvir falar de uma cerimónia que se passaria algures, e dos preparativos de um casamento místico que seria o meu, onde o **outro** se iria aproveitar do engano dos meus amigos e da própria Aurélia. As pessoas mais queridas que me visitavam para me consolar, pareciam-me tomadas pela incerteza, quer dizer, em relação a mim, as duas





partes das suas almas separavam-se, uma afectuosa e confiante, mas a outra desejando a minha morte. No que estas pessoas me diziam existia um duplo sentido, se bem que por vezes eles não se dessem conta, porque não estavam como eu **em espírito**. Nesse mesmo instante esta ideia pareceu-me cómica como se sonhasse com Amfitryon e Sosie. Mas este símbolo não era uma coisa grotesca como as fábulas da antiguidade, antes era a verdade fatal sob a máscara da loucura. Bem, disse, lutemos contra o espírito fatal, lutemos contra a próprio Deus com as armas da tradição e da ciência.

Por mais que ele faça na sombra e na noite, eu existo, e tenho para o vencer todo o tempo que me deu ainda para viver sobre a Terra.

## X

Como explicar o estranho desespero a que, pouco a pouco, estas ideias me foram reduzindo? Um génio maldoso tomou o meu lugar no mundo das almas — por Aurélia — era eu mesmo e o espírito desolado que vivificava o meu corpo, desconhecido dele próprio, tendo-me destinado para sempre ao desespero e ao nada. Empreguei mais uma vez todas as forças da minha vontade para desvendar o mistério do qual já levantara alguns véus. O sonho jogava com os meus esforços trazendo-me apenas figuras disparatadas e fugidias. Apenas posso dar aqui uma ideia bastante bizarra do que resultou desta contenção de espírito. Senti-me deslizar como por um fio estendido com um comprimento infinito. A Terra

clareava pouco a pouco, atravessada por veias coloridas de metais em fusão, tal como já a tinha visto, fruto da dilatação do fogo central em que a brancura se fundia com o tom cereja que coloria os flancos do orbe interior. Espantava-me de tempos a tempos, por reencontrar vastos charcos de água, suspensos como nuvens no ar, possuindo por vezes uma tal densidade que os poderíamos destacar em flocos; mas era evidente que se tratava de um líquido diferente da água terrestre, que resultava sem dúvida da evaporação do que constituía o mar e os rios para o mundo dos espíritos.

Cheguei a uma praia toda coberta por uma espécie de juncos vermelhos, amarelecidos nas extremidades como se o fogo solar os tivesse secado, mas tal como das outras vezes, não vi o sol. Um castelo dominava a encosta que comecei a subir. Sobre a outra vertente vi estender-se uma cidade. Assim que atravessei a montanha a noite caiu, e apercebi-me das luzes nas casas e nas ruas. Ao descer, encontrei-me num mercado onde vendiam frutos e legumes semelhantes aos do Meio-Dia.

Desci por umas escadas obscuras e encontrei-me em plena rua. Estava afixada a inauguração de um casino num edital em vários artigos que anunciavam os detalhes do seu funcionamento. A moldura tipográfica apresentava grinaldas de flores tão bem acabadas que pareciam naturais. Uma parte do edifício estava ainda em construção. Entrei numa oficina onde vi operários a modelarem um enorme animal de barro com a forma de um lama, que seria depois munido, ao que parece, com umas enormes asas. Este monstro era como que atravessado por um





jacto de fogo que o animava a pouco e pouco, de modo que se retorcia, penetrado por mil fios purpúreos formando as veias e artérias e fecundando, por assim dizer, a matéria inerte. Esta ia-se revestindo de uma vegetação instantânea, feita de apêndices fibrosos e tufos lanosos na ponta das asas. Detive-me a contemplar esta obra-prima onde parecia ter surpreendido os segredos da criação divina. "É o que temos precisamente aqui, disseram-me, trata-se do fogo divino que animou os primeiros seres... O mesmo outrora lançado na superfície da Terra, mas agora as fontes secaram." Vi também trabalhos de ourivesaria onde empregavam dois metais desconhecidos na Terra; um deles de um vermelho que parecia corresponder ao cinábrio, e o outro de um roxo azulado. Os ornamentos não eram martelados nem cinzelados, mas formavam-se, na cor e na dilatação, como as plantas que produzimos a partir de certas misturas químicas. "Não criam também homens?" Perguntei a um dos trabalhadores que replicou: "Os homens vêm do alto e não das profundezas: Podemos criar-nos a nós mesmos? Aqui não fazemos mais do que uma matéria mais subtil do que a da crosta terrestre, através de sucessivos processos das nossas indústrias. Estas flores que lhe parecem naturais, este animal com vida, são apenas produtos da nossa arte, elevada ao mais alto grau do conhecimento e ninguém o ignora."

Tais foram, aproximadamente, as palavras que me dirigiu ou o significado que julguei perceber. Pus-me a percorrer as salas do casino e vi uma grande multidão, na qual distingui algumas pessoas conhecidas, umas vivas e outras mortas em diferentes

alturas. As primeiras nem repararam em mim, ao passo que as outras respondiam-me sem parecerem ter-me reconhecido. Cheguei à sala maior toda forrada de veludos cor de papoila com faixas urdidas a ouro, formando ricos desenhos. No meio encontrava-se um sofá em forma de trono. Alguns transeuntes aí se sentavam para experimentar a sua elasticidade, mas como os preparativos não estavam ainda terminados, dirigiam-se para as outras salas. Falava-se de um casamento e do noivo que, diziam, deveria chegar para anunciar o início da festa. Subitamente um delírio apoderou-se de mim. Imaginei que aquele a quem esperavam era o meu **duplo**, que iria desposar Aurélia e fiz um escândalo que pareceu consternar a assembleia.

Discutia violentamente, explicando as minhas razões de queixa e invocando o auxílio dos que me conheciam. Um velho disse-me: "Não se deve comportar assim, está a assustar toda a gente. Mas eu gritei: " Sei muito bem que ele já me atingiu com as suas armas, mas aguardo-o sem receio porque conheço o signo que o deverá vencer."

Nesse momento um dos operários da oficina que tinha visitado entrou na sala trazendo uma barra comprida, em cuja extremidade rugia uma bola de fogo. Tentei atirar-me a ele mas recuou a bola, ameaçando-me a cabeça. A minha volta todos pareciam troçar da minha impotência... Recuei até ao trono com a alma plena de um indizível orgulho. Levantei um braço para fazer um sinal que me parecia ter um poder mágico. O grito de uma mulher, vibrando distintamente, marcado por uma dor dilacerante acordou-me em sobressalto! As sílabas de uma





palavra desconhecida que iria pronunciar expiraram sobre os meus lábios... Prostrei-me por terra rezando fervorosamente e chorando lágrimas quentes. Mas de quem seria essa voz que ressoara tão dolorosamente na noite?

Ela não pertencia ao sonho; era a voz de uma pessoa viva e, para mim, tratava-se da voz e do timbre de Aurélia...

Abri a janela; tudo estava tranquilo e o grito não mais se repetiu. Lá fora ninguém ouvira nada conforme me disseram. E no entanto, tinha a certeza que o grito fora real, ecoando no mundo dos vivos... Naturalmente poderão dizer-me que o acaso fizera com que, nesse preciso instante, uma mulher sofredora gritasse perto da minha casa. Mas quanto a mim os acontecimentos terrestres ligavam-se com os do mundo invisível. Porém, é uma dessas relações que nos escapam, mais fácil de indicar do que definir...

Que fizera? Perturbei a harmonia mágica do universo, onde a minha alma extraía a certeza de uma existência imortal. Fora amaldiçoado por ofender a lei divina ao tentar penetrar num mistério temível e por consequência, apenas me restava esperar a ira e o desprezo! As sombras irritadas debandavam lançando gritos e traçando no ar círculos fatais, como pássaros perante a proximidade de um temporal.

# SEGUNDA PARTE

*Eurídice! Eurídice!*

## I

Perdido pela segunda vez!

Tudo acabou, tudo pertence ao passado! Agora sou eu que devo morrer, mas morrer sem esperança! O que é a noite? Se é o nada, antes fosse Deus! Mas o próprio Deus não pode tornar a morte num nada.

Porque será a primeira vez após tanto tempo, que sonho com **ele**? O sistema fatal que se criou no meu espírito não admitia esta realeza solitária... Ou talvez se absorvesse no conjunto dos seres: era o deus de Lucrécio, imponente e perdido na sua vastidão.

No entanto ela acreditava em Deus, tendo-a surpreendido um dia dizendo o nome de Jesus. Essa palavra deslizava tão docemente que chorei. O meu Deus! Essa lágrima... Secou há tanto tempo! Essa lágrima, meu Deus! Devolve-ma!

Quando a alma flutua, incerta, entre a vida e o sonho, entre a desordem de espírito e o retorno da fria

reflexão, é no pensamento religioso que devemos procurar apoio. Apenas encontrava nesta Filosofia, que nos apresenta máximas egoístas ou quando muito recíprocas, uma vã experiência e amargas dúvidas. Ela opõe-se ao sofrimento moral aniquilando a sensibilidade. Do mesmo modo que a cirurgia ela não faz mais do que suprimir o órgão que nos provoca o sofrimento. Mas para nós, nascidos em épocas de revoluções e tumultos, em que todas as crenças se quebraram, fomos elevados ao máximo nesta vaga fé que se contenta com alguns comportamentos exteriores, da qual a adesão indiferente é talvez mais negativa do que a impiedade ou a heresia. Como é difícil reconstruir o edifício místico, quando sentimos essa necessidade, que os simples e os inocentes admitirão nos seus corações em toda a sua plenitude. "A árvore da ciência não é a árvore da vida! "Todavia, poderemos nós anular do nosso espírito o que, de bom ou funesto, tantas gerações inteligentes produziram? A ignorância não se aprende.

Já tive melhores esperanças na bondade divina: Talvez estejamos numa época profética em que a ciência, tendo completado todo o seu ciclo de análise e síntese, de crença e negação, se possa depurar a si própria e fazer sair da desordem e das ruínas a maravilhosa cidade do futuro... Não fazemos bom serviço à razão humana ao acreditar que ela beneficia alguma coisa em humilhar-se completamente. Isso seria acusar a sua origem celeste... Deus apreciará sem dúvida a pureza das intenções, e qual é o pai que gosta de ver o seu filho abdicar diante de si, de toda a capacidade e vigor! O apóstolo que pretendeu levar--nos a acreditar não foi amaldiçoado por isso!





Que acabei de escrever? São blasfémias. A humildade cristã não pode falar assim. Tais pensamentos estão longe de comover a alma. Têm na sua fronte os brilhos orgulhosos da coroa de Satã... Um pacto com o próprio Deus?... O Ciência! O Vaidade!

Reuni alguns livros de cabala. Mergulhei nesse estudo e persuadi-me que era verdadeiro tudo o que o espírito humano acumulou lá em cima durante séculos. A convicção de que possuía a mesma existência que o mundo exterior coincidia bem demais com as minhas leituras para que eu, doravante, negasse as revelações do passado. Os dogmas e os ritos das diversas religiões pareciam relacionar--se, de tal maneira que cada uma possuía a quantidade certa de arcanos, que constituíam os seus meios de expansão e defesa. O desaparecimento e o enfraquecimento das suas forças levaria à invasão de algumas raças por outras. Nenhuma poderia sair vitoriosa senão pelo Espírito.

Pensava por vezes que as ciências estão cheias de erros humanos. O alfabeto lógico, o hieróglifo misterioso apenas nos chegam incompletos e falseados, quer pelo tempo, quer por aqueles a quem a nossa ignorância interessa. Recuperemos então a letra perdida ou o signo esquecido, reconstituamos a gama dissonante e ganharemos força no mundo dos espíritos.

É desta maneira que julgo perceber a relação entre o mundo real e o mundo dos espíritos. A Terra, os seus habitantes e a suas história sempre foi o teatro onde se realizaram as acções físicas que prepararam a existência e a situação dos seres imortais presos ao

seu destino. Sem agitar o mistério impenetrável da eternidade dos mundos, o meu pensamento remontou à época em que o sol, semelhante à planta que o representa, quando inclina a sua cabeça seguindo a marcha celeste, semeava sobre a Terra os germes fecundos das plantas e dos animais. Isto não era mais do que o mesmo fogo que, formado por um composto de almas, originava intimamente a morada comum. O Espírito do Ser-Deus reproduzido e, por assim dizer, reflectido sobre a Terra, torna-se o modelo universal das almas humanas, onde cada uma é, alternadamente, homem e Deus. Tal como o foram os Eloim.

Quando nos sentimos infelizes, pensamos na desgraça alheia. Negligenciei a visita a um dos meus amigos mais queridos que me disseram estar doente. Arrependi-me vivamente desse erro ao entrar no hospital onde estava a ser tratado. Fiquei ainda mais desolado quando esse amigo me contou que na véspera estivera pior. Entrei num quarto do hospital caiado de branco. A luz do sol dividia-se em alegres ângulos sobre os muros, brincando em cima de um vaso de flores que uma religiosa trouxera para a mesa do doente. Quase parecia a cela de um anacoreta italiano. A sua figura magra, a tez semelhante a um marfim amarelecido, contrastando com a cor negra da sua barba e dos seus cabelos, os olhos iluminados por um resto de febre. Talvez o manto com capuz colocado sobre os ombros o tornasse num ser meio diferente daquele que havia conhecido. Não era mais o alegre companheiro de trabalho e divertimento; possuía um apóstolo dentro de si. Contou-me como





se viu no mais intenso dos sofrimentos, tomado por um último arrebatamento que lhe pareceu ser o momento supremo. Subitamente a dor tinha cessado como por prodígio. O que me relatou de seguida é impossível de descrever: um sonho sublime nos vagos espaços do infinito, uma conversação com um ser simultaneamente diferente e participante em si mesmo e a quem, acreditando-se morto, perguntou onde estava Deus. Deus está em todo o lado, respondeu-lhe o seu espírito; ele está em ti próprio e em todos. Ele julga-te, escuta-te e aconselha-te, és tu e eu pensando e sonhando juntos. Nunca nos abandonará pois somos eternos!

Não poderei adiantar mais pormenores desta conversa que talvez não tenha compreendido inteiramente. Dela apenas retive uma impressão muito viva. Não poderei atribuir ao meu amigo as palavras que talvez tenha falsamente retirado da sua boca. Ignoro mesmo se o sentimento que daí resultou é conforme com as ideias cristãs...

Deus está com ele, gritei... Mas ele não estava mais presente! O Infelicidade! Expulsei-o de mim, ameacei-o, amaldiçoei-o! Era mesmo ele, esse místico irmão que se distancia cada vez mais da minha alma e me adverte em vão! Este estimado esposo, este rei glorioso. É ele que me julga e me condena, e que me arrasta para sempre ao céu que me deu, e do qual sou doravante indigno!

## II

Não posso descrever o abatimento que estas ideias me provocaram. Compreendo, disse, preferi a criatura

ao criador. Aquela cujo último suspiro consagrou a Cristo foi divinizada e adorada por mim. Mas se esta religião for verdadeira poderei ainda converter-me e talvez o seu espírito regresse para mim!

Errei ao acaso pelas ruas tomado por este pensamento. Um cortejo fúnebre cruzou-se comigo, dirigindo-se para o cemitério onde o morto seria enterrado. Tive vontade de me juntar ao cortejo. Ignoro, pensei eu, qual será o morto que eles conduzem ao fosso, mas sei agora que os mortos nos vêem e percebem. Talvez o facto de se sentir acompanhado por um irmão de infortúnio, mais triste do que todos os outros que o transportam, o alegre. Esta ideia fez-me verter lágrimas e os outros acreditaram, sem dúvida, que eu era um dos melhores amigos do defunto. O benditas lágrimas! Há quanto tempo me era recusada a vossa doçura!... A minha cabeça aliviou-se e um raio de esperança conduziu--me finalmente. Senti forças para rezar, o que me provocou um arrebatamento de felicidade.

Nem cheguei a informar-me do nome daquele cujo féretro seguia. O cemitério onde entrei era-me sagrado por vários motivos. Três parentes da família de minha mãe aí foram enterrados, mas já não poderia rezar sobre os seus túmulos porque os tinham transladado há muitos anos para uma região distante — sua terra natal. Procurei durante muito tempo o túmulo de Aurélia mas já não o conseguia encontrar. A disposição do cemitério fora alterada. Talvez a minha memória estivesse mesmo perturbada... Parecia-me que este acaso, este esquecimento, se juntava ainda à minha condenação. Não me atrevia a dizer aos guardas do cemitério o nome de uma





morta, sobre a qual não tinha nenhum direito religioso... Mas lembrei-me que em casa possuía a indicação precisa da localização do túmulo. Corri para lá com o coração palpitante, a cabeça perdida.

Como já disse, tinha envolvido o meu amor em superstições bizarras. Numa pequena caixa que lhe pertencia conservava a sua última carta. Ousaria ainda confessar que tinha feito desse cofre uma espécie de relicário que me recordava as longas viagens em que a sua memória me seguiu: uma rosa colhida nos jardins de Schoubrah, um pedaço de faixa do Egipto, folhas de loureiro colhidas no rio de Beirute, dois pequenos cristais dourados, mosaicos de Santa-Sofia, a conta de um rosário, que sei mais?... Enfim o papel que me deram no dia em que o seu túmulo foi escavado para eu a poder reencontrar... Corei e estremeci ao remexer nesse louco amontoado. Peguei nos dois papeis e, em vez de me dirigir para o cemitério, mudei de opinião.

— Não, — disse — não sou digno de ajoelhar-me sobre o túmulo de uma cristã; não juntemos mais uma profanação a tantas outras!...

E para apaziguar a tempestade que troava na minha cabeça dirigi-me para uma pequena cidade a algumas léguas de Paris, onde passara uma temporada feliz durante a minha juventude, em casa de velhos parentes, mortos pouco depois. Gostava de lá ir para contemplar o pôr-do-sol perto da casa deles. Existia aí um terraço sombreado por tílias que me recordavam também a figura de jovens raparigas de família entre as quais cresci. Uma delas...

Mas será que pretendi apenas opor esse vago amor de infância àquele que devorou a minha

juventude? Vi o sol declinar sobre o vale que se enchia de vapores e sombras; desaparecia, banhando de fogos avermelhados o cimo dos bosques que adornavam as altas colinas. A mais morna das tristezas entrou no meu coração. Recolhi a uma estalagem conhecida a fim de passar a noite. O estalajadeiro falou-me de um dos meus velhos amigos, habitante da cidade que, em consequência de infelizes especulações, se matou com um tiro de pistola...

O sono trouxe-me sonhos terríveis, dos quais apenas conservei uma recordação confusa. Encontrei-me numa sala desconhecida onde tagarelava com alguém do mundo exterior, talvez o mesmo de que falei há pouco. Atrás de nós erguia-se um vidro alto. Ao lançar-lhe um olhar ocasional, julguei reconhecer A '''. Ela parecia triste e pensativa e, subitamente, atravessou a vidraça, ou talvez porque ao percorrer a sala a sua imagem se tenha reflectido um instante antes. Essa figura doce e querida apareceu próxima de mim. Estendeu-me a mão, lançou-me um olhar doloroso e disse-me: "Mais tarde rever-nos-emos... em casa do teu amigo."

Nesse mesmo instante entrevi o seu casamento, a maldição que nos separava... e disse para comigo: Será possível? Ela voltará para mim? "Ter-me-ás perdoado?" Perguntei entre lágrimas. Mas tudo tinha desaparecido. Encontrei-me num local deserto, uma áspera ladeira semeada de rochas, no meio de florestas. Uma casa que julguei reconhecer dominava este país desolado. Avancei por inextricáveis curvas num vai-vem. Fatigado por caminhar por entre pedras e espinheiros, procurei então uma rota mais suave através das veredas do bosque. "Esperam-me lá em





baixo!", pensei eu. A hora certa soara... Agora é tarde demais" disse para comigo! As vozes responderam-me: "Ela está perdida!" Uma noite profunda envolveu-me, a longínqua casa brilhava como que iluminada por uma festa, plena de hóspedes chegados no momento oportuno. "Ela está perdida!" Gritei. E porquê?...

Compreendo, ela fez um derradeiro esforço para me salvar. Faltei no momento supremo em que o perdão era ainda possível. Do alto do céu ela podia rezar por mim, o seu divino Esposo... E o que importa a minha salvação? O abismo recebeu a sua presa! Ela está perdida para mim e para todos os outros! ...Pareceu-me vê-la sob o clarão de um relâmpago, pálida e agonizante, arrastada por sombrios cavaleiros...

O grito de dor e de raiva que lancei nesse momento fez-me acordar todo ofegante.

— Meu Deus, meu Deus! Por ela e só por ela, meu Deus, perdoai-me!, exclamei, lançando-me de joelhos.

O dia nasceu. Num gesto que me era difícil explicar, resolvi destruir rapidamente as duas folhas que na véspera retirara do cofre: a carta, ai de mim, que relera molhando-a de lágrimas e o papel fúnebre com o carimbo do cemitério. Reencontrar agora o seu túmulo? disse. Ontem é que deveria lá ter voltado, mas o meu sonho fatal foi o reflexo dessa funesta jornada!

## III

A chama devorou essas relíquias de amor e morte, renovando as fibras doloridas do meu coração. Levei

as minhas dores e os meus tardios remorsos para o campo, procurando na marcha e no cansaço o torpor do pensamento, e talvez a certeza de um sonho menos funesto nessa noite. Aguardei-a com a convicção de que o sonho abre ao homem uma comunicação com o mundo dos espíritos... Tinha esperança! Aqui detenho-me; há demasiado orgulho ao pretender que o estado de espírito em que vivia fora causado apenas por uma recordação de amor. Podemos dizer antes de mais, que ornamentei involuntariamente os mais graves remorsos de uma vida estupidamente desperdiçada, onde o mal várias vezes triunfou e da qual apenas reconhecia os erros ao sentir os golpes da infelicidade. Já não me achava digno de pensar naquela que atormentava na sua morte depois de afligir durante a vida, dando apenas um último olhar de perdão à sua doce e santa piedade.

Na noite seguinte não consegui dormir senão durante breves instantes. Uma mulher que se ocupara de mim na juventude apareceu-me no sonho e repreendeu-me por uma falta muito grave que cometi outrora. Reconheci-a, embora ela parecesse muito mais velha do que nos últimos tempos em que a vira. Isso mesmo me fez pensar amargamente que tinha neglìgenciado visitá-la nos seus últimos momentos. Pareceu-me que ela me dizia: "Não choraste os teus velhos parentes tão vivamente como choraste essa mulher. Como podes esperar o perdão?" O sonho tornou-se confuso. Figuras de pessoas que conheci em diversas alturas passavam rapidamente diante dos meus olhos. Desfilavam, iluminavam-se e empalideciam para cair depois na noite, como contas de um terço cujo fio se partira. Seguidamente vi





formarem-se vagas imagens plásticas da antiguidade que se esboçavam e fixavam, parecendo símbolos que o meu pensamento dificilmente apreendia. Acreditava somente que isto queria dizer: todas elas são feitas para te ensinar o segredo da vida que tu nunca chegaste a compreender. As religiões, as fábulas, os santos e os poetas concordam ao explicar o fatal enigma que tu interpretaste mal... Agora é demasiado tarde...

Levantei-me cheio de terror, dizendo para comigo: É o meu ultimo dia. Com dez anos de intervalo, a ideia que tracei na primeira parte desta narração, regressa ainda mais positiva e ameaçadora. Deus concedeu-me este tempo para me arrepender, e não o aproveitei. Após a visita do **convidado de pedra**, senti-me de novo preparado para o festim.

## IV

O sentimento que para mim resultou destas visões e das reflexões que elas produziram nas minhas horas de solidão, foi tão triste que me senti perdido. Todos os actos da minha vida me surgiram sob o seu aspecto mais desfavorável, e na espécie de exame de consciência a que me entreguei, a memória representava os factos mais antigos com uma singular nitidez. Não sei que falsa vergonha impediu de me apresentar perante o confessionário, talvez fosse o receio de me envolver nos dogmas e nas práticas de uma religião tenebrosa, contra a qual, em certos pontos, mantinha preconceitos filosóficos. Os meus primeiros anos tinham sido impregnados de ideias

saídas da revolução. Tive uma educação demasiado livre, uma vida demasiado errante, para aceitar facilmente um jugo que, no que diz respeito a muitos dos seus pontos, ofendia ainda a minha razão. Estremeci ao pensar que tipo de cristão faria se certos princípios tirados do livre exame dos dois últimos séculos, se o estudo das diversas religiões não me tivesse influenciado as tendências pessoais. Nunca conheci a minha mãe que gostaria de ter seguido meu pai nos exércitos, como as mulheres dos antigos Germanos. Ela morreu de febre e de fadiga numa fria região da Alemanha e meu pai não pôde orientar ele próprio, as minhas ideias. O país onde cresci estava cheio de lendas estranhas e superstições bizarras. Um dos meus tios que teve a maior influência sobre a minha educação infantil ocupava-se, para se distrair, com antiguidade romanas e célticas. Por vezes ele encontrava na sua região ou nos arredores, imagens de deuses e imperadores que o seu espanto de entendedor me fazia venerar e cuja história os seus livros me ensinavam. Um tal Marte em bronze dourado, um Palas ou Vénus armado, um Neptuno e uma Amfitrite esculpida por cima da fonte de um lugarejo, e sobretudo a anafada figura de um deus Pan sorrindo à entrada de uma gruta, por entre grinaldas de aristolóquias e heras. Eles eram os deuses domésticos que protegiam esse retiro. Confesso que eles me inspiravam então mais veneração do que as pobres imagens cristãs da Igreja e os dois santos disformes da sua portada, que certos sábios pretendiam que fossem o Esus e o Cernunos dos Gauleses. Embaraçado no meio desses diversos símbolos, perguntei um dia a meu tio quem era Deus.





"Deus é o sol", disse-me ele. Era a íntima convicção de um homem honesto que toda a vida fora cristão e que provinha de uma região em que vários homens possuíam esta ideia da Divindade. Isso não impediu que as mulheres e as crianças fossem à igreja. Devo a uma das minhas tias alguns conselhos que me fizeram compreender a beleza e a grandiosidade do cristianismo. Após 1815, um inglês que se encontrava no nosso país ensinou-me o sermão da montanha e deu-me um Novo Testamento... Cito apenas estes detalhes para assinalar as causas de uma certa irresolução que, muitas vezes, se uniu ao meu espírito religioso mais acentuado. Vou explicar como, afastado há muito tempo do verdadeiro caminho, aí regressei através da lembrança querida de uma pessoa morta, e como a necessidade de acreditar que ela existiria sempre fez reentrar no meu espírito o sentimento definido das diversas realidades que não tinha recolhido na minha lama com suficiente firmeza. O desespero e o suicídio são o resultado de certas situações fatais para quem não tem fé na imortalidade, tanto nas suas dores como nas suas alegrias. Acredito ter feito alguma coisa de bom e de útil anunciando ingenuamente esta sucessão de ideias, com as quais reencontrei o repouso e novas forças para enfrentar as desgraças futuras da vida.

As visões que se sucederam durante o meu sono reduziram-me a um tal desespero que apenas posso relatar penosamente. Os meus amigos de sociedade não me inspiravam senão vagas distracções. O meu espírito, inteiramente ocupado com estas ilusões, recusava-se a toda e qualquer diferente concepção. Não conseguia ler nem sequer dez linhas seguidas.

Das mais belas coisas pensava: pouco importa! Isso não existe para mim. Um dos meus amigos, de nome Georges, empreendeu a tarefa de vencer esse desencorajamento. Levou-me a diversas regiões nos arredores de Paris, consentindo em falar sozinho, porque eu não respondia senão com algumas frases desconexas. A sua figura expressiva e quase cenobítica provocou-me um dia um grande efeito relativamente às coisas eloquentes que dizia contra estes anos de cepticismo e desencorajamento político e social que sucedeu à revolução de Julho. Eu era um dos jovens dessa época e apreciei os seus ardores e amarguras. O meu ser agitou-se: pensei que tais lições não podem ser dadas sem uma intenção da Providência e que, sem dúvida, um espírito falava pela boca do meu amigo... Um dia, jantávamos sob um parreiral numa pequena vila dos arredores de Paris, quando uma mulher veio cantar junto da nossa mesa e um não sei quê na sua voz vulgar mas simpática me lembrou a de Aurélia. Olhei-a. Mesmo os seus traços possuíam uma qualquer semelhança com os daquela que tinha amado. Mandámo-la embora sem que eu ousasse retê-la, mas pensei: quem sabe se o seu espírito não está nesta mulher! Senti-me feliz com e esmola que lhe dei.

Disse para comigo: usei mal a vida, mas se os mortos perdoam é sem dúvida com a condição de nos abstermos para sempre do mal e repararmos tudo o que fizemos. Mas será isso possível?... Desde esse momento tentaremos nunca mais fazer mal rendendo-nos ao seu equivalente dever.

Cometi recentemente uma injustiça contra uma pessoa que, embora não passando de um desleixo, me





fez lá ir desculpar-me. A alegria que recebi com a reparação desta falta fez-me um bem extremo. Doravante tinha um motivo para viver e agir, e isso restituiu-me o interesse pelo mundo.

Mas surgiram dificuldades: acontecimentos para mim inexplicáveis pareciam reunir-se a fim de contrariar a minha boa disposição. O meu estado de espírito tornara impossível a execução de trabalhos normais. As pessoas, julgando-me de saúde, tornavam-se mais exigentes, e como tinha renunciado à mentira, encontrei-me em desvantagem face aos que não receavam usá-la. O conjunto de reparações que deveria fazer esmagava-me devido à minha impotência. Os acontecimentos políticos influenciaram-me indirectamente, tanto para me afligir como para suprimir o modo como meteria ordem nos meus assuntos. A morte de um dos meus amigos veio completar estas razões para o desalento. Revi com pesar a sua casa, os seus quadros que me mostrara com alegria um mês antes, passei perto do seu caixão no momento em que o pregavam. Como ele tinha a minha idade, sendo da minha geração, pensei: "O que aconteceria se eu morresse assim de um momento para o outro?"

No domingo seguinte levantei-me atormentado por uma morna dor. Fui visitar o meu pai que tinha a criada doente e que estava de mau humor. Ele quis procurar sozinho madeira para o seu celeiro e eu ajudei-o, trazendo umas achas de que ele precisava. Saí consternado. Encontrei na rua um amigo que pretendia levar-me a jantar em sua casa para me distrair um pouco. Recusei e, sem ter comido nada, dirigi-me para Montmartre. O cemitério estava

fechado, o que me pareceu um mau presságio. Um poeta alemão deu-me algumas páginas para traduzir e avançou uma soma para pagar esse trabalho. Tomei o caminho de sua casa para lhe restituir o dinheiro.

Ao passar pela zona limítrofe de Clichy testemunhei uma disputa. Tentei separar os beligerantes mas não o consegui. Nesse momento um operário de elevada estatura passou no local onde o combate tinha lugar, levando no ombro esquerdo uma criança vestida com uma roupa cor de jacinto. Imaginei que era S. Cristovão carregando Cristo, e que me condenaria por me terem faltado as forças na cena que estava a decorrer. A partir desse momento, atormentado pelo desespero, errei através dos terrenos baldios que separavam o subúrbio da zona urbana. Era demasiado tarde para fazer a visita que tinha planeado. Regressei pelas ruas em direcção ao centro de Paris. Perto da Victoire encontrei um padre e, na desordem em que me encontrava, quis confessar-me a ele. Este disse-me que não pertencia aquela paróquia e que se dirigia a casa de uma pessoa para uma visita. Disse-me ainda que poderia consultá-lo no dia seguinte em Notre-Dame. Tinha apenas que perguntar pelo abade Dubois.

Desesperado, dirigi-me chorando para Notre-Dame de Lorette, onde me lancei aos pés do altar da Virgem, suplicando perdão pelos meus erros. Qualquer coisa em mim me dizia: a Virgem está morta e as tuas preces são inúteis. Dirigi-me então para os últimos lugares do coro para me pôr de joelhos, quando senti o meu dedo deslocar um anel de ferro que tinha gravado no engaste estas três palavras árabes: Allah! Mohamed! Ali! Subitamente





várias velas iluminaram-se no coro e o padre começou um ofício que eu tentei acompanhar em espírito. Quando chegava à Ave Maria, o padre interrompeu a oração no meio e recomeçou sete vezes, fazendo com que a minha memória deixasse de acompanhar as palavras que se seguiam. Terminámos a prece e o sacerdote fez um discurso onde pareceu fazer alusão apenas à minha pessoa. Quando todos os ruídos se extinguiram levantei-me e saí, dirigindo-me para os campos Elísios.

Chegado à praça da Concórdia pensei em matar-me. Após várias tentativas dirigi-me para o Sena, mas qualquer coisa me impedia de cumprir esse desejo. As estrelas brilhavam no firmamento. De repente pareceu-me que elas se iriam extinguir uma de cada vez como as velas que tinha visto na Igreja. Acreditei que os tempos tinham findado e que nós tínhamos chegado ao fim do mundo anunciado no Apocalipse de S. João. Acreditei ver um sol negro no céu deserto e um globo vermelho de sangue por cima das Tulherias. Disse: "A noite eterna começa e vai ser terrível. O que irá acontecer quando os homens se aperceberem de que o sol deixou de existir?" Retomei pela rua Saint-Honoré, e queixei-me aos camponeses que ia encontrando e que se tinham atrasado. Entrevi várias luas que passavam rápidamente através das nuvens, prontamente separadas pelo vento. Pensei que a Terra tinha saído da sua órbita e errava pelo firmamento, como um navio desaparelhado, aproximando-se das estrelas que aumentavam ou diminuíam, alternadamente. Durante duas ou três horas contemplei esta desordem e acabei por me dirigir para os lados dos Halles. Os camponeses

traziam as suas mercadorias. Disse para comigo: "Qual será o seu espanto quando virem que a noite se prolonga..." No entanto os cães ladravam aqui e ali e os galos cantavam.

Quebrado pelo cansaço, regressei a casa e lancei-me sobre a cama. Quando acordei fiquei espantado por rever a luz do dia. Uma espécie de coro misterioso chegava aos meus ouvidos; vozes infantis repetiam nesse coro: "Cristo! Cristo! Cristo!..." Pensei que tinham reunido na igreja próxima (Notre-Dame-des-Victoires) um elevado número de crianças para invocar Cristo. "Mas Cristo já não existe!" Dizia para comigo, eles não o sabem! A invocação durou cerca de um hora. Levantei-me por fim e desci às galerias do Palais-Royal. Pensei que provavelmente o sol tinha ainda conservado suficiente luz para iluminar a Terra durante três dias, mas que gastava a sua própria substância, logo via-o frio e descolorido. Acalmei a fome que sentia com um pequeno bolo, para ganhar forças a fim de chegar a casa do poeta alemão. Ao entrar, disse-lhe que tudo terminara e que era preciso prepararmo-nos para morrer.

Ele chamou a sua mulher que me perguntou: "O que tem você? — Não sei, disse-lhe, estou perdido. "Ela mandou chamar um fiacre e uma rapariga jovem conduziu-me à clínica Dubois. ([1])

---

([1]) Em 23 de Janeiro de 1852, Nerval foi levado para a Casa de Saúde municipal dirigida pelo dr. Dubois (hoje hospital Fernand-Widal) (N.T.)





## V

Aí, o meu mal recomeçou de diversas maneiras. No fim de um mês estava restabelecido. Durante os dois meses que se seguiram, retomei as minhas peregrinações por Paris. A viagem mais longa que fiz destinou-se a visitar a catedral de Reims. Pouco a pouco, fui voltando a escrever e compus uma das minhas melhores novelas. Todavia, escrevia com esforço, quase sempre a lápis, sobre folhas separadas, seguindo o acaso da minha fantasia e devaneio. A revisão das provas deixou-me muito agitado. Alguns dias após tê-la publicado, senti-me tomado por insónias persistentes. Saía para passear toda a noite sobre a colina de Montmartre para assistir ao pôr-do-sol. Tagarelei demoradamente com camponeses e operários. Noutras alturas dirigia-me para os Halles. Uma noite, fui jantar num café da avenida e entretive-me a lançar para o ar moedas de ouro e prata. Seguidamente dirigi-me para os Halles e comecei a discutir com um desconhecido, a quem dei uma violenta bofetada. Não sei como isso não teve outras consequências.

Numa certa hora, ouvindo tocar o relógio de Saint-Eustache, pus-me a pensar nos combates entre Borgonheses e os de Armagnac e acreditei que se elevavam diante de mim os fantasmas dos cavaleiros dessa época. Entrei numa querela com um moço de fretes que trazia uma medalha de prata ao peito e a quem disse tratar-se do duque João de Borgonha. Tentei impedi-lo de entrar num cabaré. Por uma inexplicável singularidade, vendo que o ameaçava de morte, o seu rosto cobriu-se

de lágrimas. Senti-me comovido e deixei-o passar.

Dirigi-me para as Tulherias que estavam fechadas e seguindo a margem do cais subi então para o Luxemburgo e regressei para tomar o pequeno almoço com um dos meus amigos. Seguidamente fui até Saint-Eustache, onde me ajoelhei piedosamente junto ao altar da Virgem, pensando em minha mãe. As lágrimas que verti sossegaram a minha alma e, ao sair da igreja, comprei um anel de prata. De lá fui visitar o meu pai em casa do qual deixei um ramo de margaridas porque ele estava ausente. A seguir fui ao jardim das Plantas. Estava muita gente e eu fiquei durante muito tempo a olhar um hipopótamo que se banhava num lago. De seguida visitei as galerias de osteologia. Ao ver os monstros que eles guardavam pensei no dilúvio e, assim que saí, uma espantosa chuvada caiu sobre o jardim.

Disse para comigo: Que desgraça! Todas estas mulheres, todas as crianças vão ser molhadas!... Depois acrescentei: Mais ainda! É o verdadeiro dilúvio que começa. A água corria pelas ruas vizinhas. Desci a rua Saint-Victor a correr e, com a intenção de deter o que julgava ser a inundação universal, lancei para o local mais fundo possível o anel que havia comprado em Saint-Eustache. Nesse mesmo instante, a tempestade cessou e um raio de sol começou a brilhar.

A esperança entrou de novo na minha alma. Tinha um encontro às quatro horas em casa do meu amigo Georges. Dirigi-me para sua casa. Ao passar por um vendedor de curiosidades comprei dois panos de veludo cobertos por figuras hieroglíficas. Pareceu-me que tratavam da consagração do perdão dos céus.





Cheguei a casa de Georges na hora combinada e confessei-lhe a minha esperança. Estava molhado e cansado. Mudei de roupa e deitei-me na sua cama. Durante o sono tive uma visão maravilhosa. Pareceu-me que a deusa me aparecia, dizendo: "Sou a Maria, a mesma também que, sob outras formas, tu sempre amaste. Durante uma das tuas provações tirei uma das máscaras que encobriam os meus traços; em breve ver-me-ás tal como sou." Um delicioso vergel saía das nuvens por detrás dela; uma doce e penetrante luz iluminou este paraíso. Porém, ouvia apenas a sua voz, mas senti-me mergulhado numa encantadora embriaguez. Pouco tempo depois levantei-me e disse a Georges: Saiamos. Quando atravessava-mos a ponte das Artes expliquei-lhe a transmigração das almas e disse-lhe: Parece-me que esta noite tenho a alma de Napoleão que me inspira e comanda para grandes feitos. Na Rue du Coq comprei um chapéu e, assim que Georges recebia o troco da moeda de ouro que eu tinha lançado sobre o balcão do vendedor, segui o meu caminho, chegando até às galerias do Palais-Royal.

Aí, pareceu-me que toda a gente me olhava. Uma ideia fixa alojou-se-me no espírito, era a de que já não havia mortos. Percorri a galeria de Foy dizendo: Cometi um erro, mas não consigo descobrir qual ao consultar a minha memória que acredito ser a mesma de Napoleão... Aqui há uma dívida qualquer que não saldei de modo nenhum! Entrei num café de Foy com este pensamento e julguei reconhecer num dos seus frequentadores o pai Bertin dos **Débats.** (1)

(1) Trata-se de Louis-François Bertin, fundador do Journal des Débats. Ingres pintou o seu retrato. (N.T.)

Seguidamente atravessei o jardim onde a minha atenção se concentrou nas danças de roda das pequenas raparigas. Saí das galerias e dirigi-me para a rua Saint-Honoré. Entrei numa loja para comprar cigarros e quando saí a multidão estava tão compacta que me senti sufocar. Três dos meus amigos resgataram-me, respondendo por mim e um deles foi chamar um fiacre. Conduziram-me ao hospício da Caridade.

Durante a noite o delírio aumentou, e também de manhã, quando me apercebi que estava amarrado. A ideia de que me tornara semelhante a um Deus com o poder de curar levou-me a impor as mãos nalguns doentes e, aproximando-me de uma estátua da Virgem, levantei a coroa de flores para consolidar o poder que julgava possuir. Caminhava em grandes passadas, falando animadamente da ignorância dos que acreditam poder curar apenas com a ciência e, vendo um frasco de éter em cima da mesa, bebi-o de um trago. Um internado com uma figura comparável à dos anjos, quis deter-me mas a força nervosa ajudava-me e, prestes a derrubá-lo, parei, dizendo-lhe que ele não compreendia a minha missão. Vieram então os médicos, mas eu continuei o meu discurso sobre a impotência da sua arte. Por fim, desci a escada, embora estivesse descalço. Chegado diante de um canteiro, subi para ele e colhi algumas flores passeando sobre a relva.

Um dos meus amigos veio buscar-me. Saí então do canteiro e, enquanto falava com ele, lançou-me uma camisa-de-forças sobre os ombros após o que me meteram num fiacre, conduzindo-me para uma casa de saúde situada fora de Paris. Ao ver-me entre





alienados compreendi que tudo para mim se reduzia a ilusões. Em todo o caso, as promessas que atribuíra à deusa Isis pareceram-me realizar-se por uma série de provações que estava destinado a sofrer. Aceitei-as, portanto, com resignação.

Uma parte da casa onde me encontrava dava para uma vasta galeria destinada ao passeio, sombreada por nogueiras. Num dos ângulos encontrava-se um pequeno montículo onde um dos internados se movia em círculo durante todo o dia. Os outros limitavam-se, como eu, a percorrer a terra plana ou o terraço coberto por um talude de relva. Sobre o muro, situado a poente, estavam expostas figuras em que uma delas representava a forma da lua com olhos e boca desenhados geometricamente. Sobre esta figura pintaram uma espécie de máscara. O muro da esquerda apresentava diversos desenhos de perfil, onde figurava num deles uma espécie de ídolo japonês. Mais à frente, uma cabeça de morto estava esmagada contra o estuque e sobre a face oposta, duas pedras de talha tinham sido esculpidas por um qualquer hóspede do jardim e representavam pequenas carrancas bem feitas. Duas portas davam para as caves, o que me fez imaginar que eram vias subterrâneas parecidas com as que tinha visto à entrada das Pirâmides.

## VI

Antes de mais, imaginei que as personagens reunidas naquele jardim tinham todas uma influência

qualquer sobre os astros, e aquele que sem cessar dava voltas no mesmo círculo regulava a marcha do sol. [1] Um velho que traziam em certas alturas do dia e que dava uns nós ao consultar o seu relógio, pareceu-me encarregado de verificar a marcha das horas. Atribuía a mim mesmo uma influência sobre o andamento da lua, e acreditava que este astro recebera um golpe inesperado do Todo-Poderoso que teria traçado na sua superfície a marca e a figura que eu tinha escolhido.

Atribuía um sentido místico às conversas dos vigilantes e dos meus companheiros. Parecia-me que eles eram os representantes de todas as raças da Terra e que nos competia determinar novamente a marcha dos astros dando um desenvolvimento mais amplo ao sistema.

Um erro terá escapado da combinação geral dos números, provindo daí quanto a mim, todos os males da humanidade. Acreditava que os espíritos celestes haviam assumido formas humanas e assistiam a este congresso geral, parecendo preocupados com questões vulgares. O meu papel parecia ser o de restabelecer a harmonia universal através da arte cabalística e o de procurar uma solução invocando as forças ocultas das diversas religiões.

Tal como o corredor aberto, tinham também uma sala cujas vidraças com estrias perpendiculares davam para um horizonte de verdura. Olhando para o

[1] A dualidade Sol-Lua pode corresponder ao par simbólico Macho-Fêmea. (N.T.)





alinhamento dos edifícios exteriores, através das vidraças, via as fachadas e as janelas projectarem-se em mil pavilhões ornamentados de arabescos, sobrepostos em recortes e agulhas, que me lembravam os quiosques imperiais que cercam o Bósforo. Isso conduziu naturalmente o meu pensamento para questões orientais. Cerca das duas horas meteram-me no banho, e eu acreditei ser servido pelas Valquírias, filhas de Odin, que pretendiam elevar-me até à imortalidade despojando, pouco a pouco, o que havia de impuro no meu corpo.

Passeei durante toda a noite sob os raios da lua, pleno de serenidade e, elevando os olhos para as árvores, pareceu-me que as folhas se enrolavam caprichosamente de modo a formar imagens de cavaleiros e damas, transportados por cavalos ajaezados. Tratava-se, quanto a mim, das figuras triunfantes dos antepassados. Este pensamento reconduziu-me à ideia segundo a qual existia uma ampla conspiração de todos os seres vivos a fim de restabelecer a harmonia inicial do mundo, e que as comunicações entre eles tinham lugar através do magnetismo dos astros, e que uma cadeia ininterrupta ligava os seres que se dedicavam a esta comunicação universal em torno da Terra.

Os cantos, as danças, os olhares gradualmente magnetizados traduziam essa mesma aspiração. A lua era para mim o refúgio das almas fraternais que, livres dos seus corpos mortais, trabalhavam mais à vontade na regeneração do universo.

Desde logo, para mim, cada dia parecia ter aumentado duas horas, de maneira que, levantando-me às horas que os relógios da casa marcavam, não

fazia mais do que passear-me no império das sombras. Os companheiros que me rodeavam pareciam-me adormecidos, semelhantes aos espectros do Tártaro até à hora em que, para mim, o sol se levantava. Saudava então esse astro com uma prece e a minha vida real começava.

Desde o momento em que tinha a certeza de que estava submetido às provações da sagrada iniciação, uma força invisível entrou no meu espírito. Julgava-me um herói vivo sob o olhar dos deuses; tudo na natureza assumia novos aspectos. As secretas vozes das plantas, das árvores, dos animais, dos mais insignificantes insectos, manifestavam-se para me advertir e encorajar. A linguagem dos meus companheiros possuía misteriosas entoações cujo sentido compreendia. Os objectos sem forma e sem vida prestavam-se, eles próprios, aos cálculos do meu espírito; via sair harmonias até então desconhecidas das combinações de seixos, de figuras angulares, de fendas ou de aberturas, de recortes de folhas, de cores, sons e odores. Como pude, dizia para comigo, viver tanto tempo fora da natureza e sem me identificar com ela? Tudo vivia, tudo agia, tudo estava em correspondência: os raios magnéticos emanados de mim próprio ou dos outros, atravessavam sem qualquer obstáculo a cadeia infinita das coisas criadas. É uma rede transparente que cobre o mundo em que os fios soltos comunicam pouco a pouco com os planetas e com as estrelas. Neste momento, cativo sobre a Terra, ocupava-me com o coro dos astros que tomavam parte nas minhas alegrias e dores!

De súbito estremeci ao pensar que esse mesmo mistério podia ser descoberto. Se a electricidade,





pensei, que constitui o magnetismo dos corpos físicos pode sofrer uma orientação imposta por leis, há razões fortes para crer que os espíritos hostis e tirânicos podem subjugar as inteligências, servindo-se das suas forças divididas no seu objectivo de as dominar. Foi assim que os deuses antigos foram vencidos e escravizados pelos novos deuses. É ainda assim, disse para comigo, consultando as minhas recordações do mundo antigo, que os Necromantes dominaram povos inteiros, aprisionando várias gerações sob o seu eterno ceptro. O Infelicidade! Nem a própria Morte os pode libertar! Isso porque nós vivemos de novo em nossos filhos tal como viveramos em nossos pais, e a ciência impiedosa dos nossos inimigos saberá sempre reconhecer-nos em todo o lado. A hora do nosso nascimento, o local da Terra em que aparecemos, o primeiro gesto, o nome, o quarto, e em todas estas consagrações e ritos que nos impõem, tudo isso estabelece uma série feliz ou fatal cujo futuro depende inteiramente. Mas se isso já é terrível seguindo apenas os cálculos humanos, compreendam o que tal facto poderá significar se o relacionarmos com as fórmulas misteriosas que determinam a ordem dos mundos. Dissemo-lo justamente: nada é indiferente, nada é impotente no universo; um átomo pode dissolver tudo, um átomo pode tudo salvar!

O Terror! Eis a eterna distinção entre o bem e o mal. Será a minha alma a molécula indestrutível, o glóbulo que um pouco de ar faz inchar, mas que reencontra o seu lugar na natureza; ou o próprio vazio, imagem do nada que desaparece na imensidão? Será ela o fragmento fatal destinado a sofrer, sob

todas estas transformações, as vinganças dos seres poderosos? Vi-me assim obrigado a pedir contas a mim próprio da vida que levara, e mesmo das minhas anteriores existências. Ao provar que era bom, demonstro que deveria sempre sê-lo. E se fora maldoso, pensava, a minha vida actual não era já uma suficiente expiação? Este pensamento tranquilizou-me, mas não me retirou definitivamente o receio de ser considerado entre os infelizes. Senti-me como que lançado em água fria, mas uma água ainda mais fria escorria sobre a minha face. Elevei o pensamento até à eterna Isis, a mãe e a esposa sagrada; todas as minhas aspirações, todas as preces se confundiam neste nome mágico. Senti-me reviver nela e, por vezes, ela aparecia-me sob a figura da Vénus antiga, e outras vezes também com os traços da Virgem dos cristãos. A noite trouxe-me ainda mais distintamente esta aparição amada que me dizia: Que pode ela, vencida e talvez oprimida por estas pobres crianças? Pálida e dilacerada, a lua crescente desgastava-se todas as noites e em breve iria desaparecer; talvez não a devessemos mais rever no céu! No entanto, parecia-me que esse astro era o refúgio de todas as almas irmãs da minha, e via-o povoado de sombras lamurientas destinadas a renascer um dia sobre a Terra...

O meu quarto situava-se na extremidade de um corredor habitado, num dos lados pelos loucos, e no outro pelas empregadas do hospício. Apenas tinha como privilégio uma janela, virada para um dos lados do pátio, plantado de árvores, onde se passeia durante o dia. O meu olhar detém-se com prazer sobre uma nogueira frondosa e duas amoreiras. Por cima aperce-





bemo-nos vagamente de uma rua muito frequentada através do gradeamento pintado de verde. Ao pôr-do-sol, o horizonte alarga-se, ficando como um lugarejo com janelas revestidas de verdura ou atravancada com gaiolas, trapos que secam, de onde vemos passar por breves instantes o perfil jovem ou idoso de uma ama, ou qualquer cabeça rosada de criança. Gritamos, cantamos, rimos às gargalhadas. É alegre ou triste de sentir, segundo as horas do dia ou a sensibilidade.

Encontrei aí todos os destroços das minhas diversas fortunas, os restos de várias mobílias dispersados ou revendidos desde há vinte anos.

É um Cafarnaum ([1]) como o do doutor Fausto. Uma mesa antiga com três pés que tinham nas extremidades cabeças de águias, uma mísula cujo suporte era uma esfíngie alada, uma cómoda do século XVII, uma biblioteca do século XVIII, uma cama da mesma época com um dossel com coberta oval revestido de goelas vermelhas (mas não conseguiram levantar este último); um aparador rústico carregado de faianças e porcelanas de Sèvres, a maior parte bastante danificadas, um narguilé ([2]) trazido de Constantinopola, uma grande taça de alabastro, um vaso de cristal, painéis de madeira provenientes da demolição de uma velha casa que habitava num local perto do Louvre, cobertos de pinturas mitológicas executadas por amigos hoje célebres; duas grandes telas estilo Prudhon, representando a Musa da história e da comédia. Durante

([1]) Local onde Cristo pregou e terá feito alguns milagres. (N.T.)

([2]) Narghileh: Cachimbo oriental. (N.T.)

alguns dias fui arrumando tudo isto com agrado, criando na estreita mansarda um conjunto bizarro que ocupava o palácio e a cabana e que resumia bem a minha existência errante. Pendurei as roupas árabes em cima da minha cama, assim como as duas cachemiras habilmente cerzidas, uma cabaça de peregrino e uma bolsa de caça. Por cima da biblioteca ficou exposto um vasto mapa do Cairo. Uma consola de bambu, erguendo-se perto da minha cabeceira suporta um prato envernizado da India onde disponho os meus utensílios de higiene diária. Reencontrei com alegria estes humildes restos dos meus anos de sucesso ou de miséria, alternadamente, a que estavam ligadas as lembranças da minha vida. Tinha apenas de parte um pequeno quadro em cobre, no estilo de Corrège que representava Vénus e o Amor, troféus de caçadores, sátiros e uma flecha que tinha conservado na memória desde o tempo dos companheiros de arco em Valois, dos quais fiz parte na minha juventude. As armas foram vendidas quando as leis mudaram. Em suma tinha reencontrado aproximadamente tudo o que ultimamente possuía. Os meus livros, o bizarro amontoado da ciência de todos os tempos, a história, viagens, religiões, cabala, astrologia, divertindo-se com a sombra de Pico della Mirandola, do sábio Mersius e de Nicolau de Cusa — a torre de Babel em duzentos volumes — deixaram-me tudo isto! Havia o suficiente para tornar louco um sábio; convenhamos que havia também o que tornar sábio um louco. Com que delícia pude arrumar na minha gaveta o amontoado das minhas notas e da correspondência íntima ou pública, obscura ou ilustre, como fez o acaso dos encontros ou dos longínquos países que





percorri. Em rolos, uns melhor embrulhados que outros, encontrei as cartas árabes, as relíquias do Cairo e Estambul.

O Felicidade! O mortal Tristeza! Estes sinais amarelecidos, estes apagados borrões, estas cartas meio amarrotadas, são o tesouro do meu único amor... Releiamos... Muitas das cartas faltam, muitas outras estão rasgadas ou riscadas. Eis o que reencontrei:

..........................................................................

Uma noite, falava e cantava numa espécie de êxtase, quando um dos empregados da casa veio buscar-me à cela e fez-me descer a um quarto do rés--do-chão onde me fechou. Continuei a sonhar e, embora estivesse de pé julgava-me encerrado numa espécie de quiosque oriental. Sondei a sala de todos os ângulos e vi que era octogonal. Um divan reinava perto dos muros, e pareceu-me que estes últimos eram formados por uma espessa vidraça por detrás da qual via brilhar tesouros, xailes e tapeçarias. Uma paisagem iluminada pela lua surgiu através das grades da porta, onde me pareceu reconhecer silhuetas de troncos de árvores e de rochedos. Já havia morado aí noutra vivência e acreditei reconhecer as profundas grutas de Ellorah ([1]). Pouco a pouco um dia azulado penetrou no quiosque fazendo surgir aí bizarras imagens. Acreditei encontrar-me então no interior de uma vasta pipa onde a história universal era escrita com linhas de sangue.

O corpo pintado de uma mulher gigantesca estava diante de mim com as suas diversas partes separadas

---

([1]) Templos subterrâneos da India. (N.T.)

como que por um sabre; outras mulheres de diferentes raças cujos corpos se foram evidenciando cada vez mais, tornaram-se presentes sobre os outros muros numa confusão sangrenta de membros e cabeças, desde as imperatrizes e rainhas até às mais humildes camponesas. Tratava-se da história de todos os crimes, bastando fixar o olhar sobre tal ou tal ponto para se ver desenhar uma representação trágica. Eis, dizia para comigo, o que a potência condescendente provocou nos homens. Pouco a pouco, eles destruíram e cortaram em mil pedaços a forma eterna da beleza, porquanto as raças perderam cada vez mais em força e perfeição... Com efeito vislumbrei sobre uma linha de sombra que se introduziu pela porta, a geração descendente das raças do futuro.

Finalmente fui arrancado desta sombria contemplação. A figura benevolente e compassiva do meu excelente médico restituiu-me ao mundo dos vivos. Ele fez-me assistir a um espectáculo que me interessou vivamente. Entre os doentes encontrava-se um homem jovem, antigo soldado em Africa, que desde há seis semanas recusava alimentar-se.

Por meio de um longo tubo de borracha introduzido / no seu estômago, faziam-no engolir substâncias líquidas e nutritivas. De resto, ele não conseguia ver nem falar, e nada indicava que nos compreendia. / ([1]) Este espectáculo impressionou-me vivamente. Abandonado até aí ao círculo monótono das minhas sensações ou dos meus sofrimentos

([1]) Variante: / por uma das narinas, faziam escorregar para o estômago uma grande quantidade de sêmola ou chocolate. La Revue de Paris (N.T.)





morais, vi nele um ser indefinível, taciturno e paciente, sentado como uma esfíngie às portas supremas da existência. Comecei a amá-lo devido à sua infelicidade, ao seu abandono e senti-me aliviado com essa simpatia e piedade. Ele assim parecia situado entre a morte e a vida, como se fosse um intérprete sublime, um confessor predestinado a compreender os segredos da alma, que a palavra não ousara transmitir, nem conseguia sequer exprimir. Era a orelha de Deus sem a mistura do pensamento de um outro. Passei horas inteiras a examinar-me mentalmente, com a cabeça inclinada sobre a sua, segurando-lhe as mãos. Parecia-me que um certo magnetismo unia os nossos dois espíritos. Fiquei deslumbrado quando pela primeira vez uma palavra saiu da sua boca. Ninguém queria acreditar e eu atribui à minha ardente vontade este começo de cura. Nessa mesma noite tive um sonho delicioso, o primeiro desde há muito tempo. Estava numa torre tão profunda do lado da Terra e tão alta do lado do céu, que toda a minha existência parecia dever consumir-se a subir e a descê-la. As minhas forças estavam esgotadas, quase a perder a coragem, quando uma porta lateral acabou por abrir-se; apresentou-se um espírito que me disse: Vem, irmão!... Não sei porquê veio-me à ideia que ele se chamava Saturnino. Este possuía a fisionomia do pobre doente, mas de uma forma transfigurada e inteligente. Estávamos no campo, iluminado pelo fogo das estrelas; parámos a contemplar esse espectáculo e o espírito estendeu a mão colocando-a sobre a minha fronte como eu tinha feito na véspera quando tentava magnetizar o meu companheiro. De súbito, uma das estrelas que eu via

no céu começou a aumentar, e a divindade dos meus sonhos apareceu-me sorridente, numa vestimenta quase indiana, tal como a tinha visto outrora. Enquanto ela caminhava entre nós os dois, os prados tornavam-se verdejantes, as flores e as folhagens elevavam- -se da terra sob o rasto dos seus passos... Disse--me: "As provações a que foste submetido chegaram ao fim; estas inúmeras escadas que tu te cansaste a subir e a descer eram as ligações das antigas ilusões que obstruiram o teu pensamento, agora recorda-te do dia em que imploraste à Virgem santa e em que, crendo-a morta, o delírio se apoderou do teu espírito. Era preciso que o teu voto lhe fosse entregue por uma alma simples e livre dos vínculos terrenos.

Ela encontra-se próxima de ti, motivo porque me foi permitido aparecer e encorajar-te." A alegria que este sonho derramou na minha alma provocou-me um delicioso despertar. O dia começava a despontar. Como pretendia possuir um sinal materializado desta aparição que me consolara, escrevi estas palavras nos muros: "Visitaste-me esta noite." Escrevi assim com o título de **Memoráveis**, as impressões que se seguiram àquela que acabei de relatar.

Sobre um estreito pico de Auvergne ecoou a canção dos pastores. **Pobre Maria**! Rainha dos céus. É a ti que eles se dirigem piedosamente. Este rústico método comoveu os coribantes ([1]), que saíram das grutas secretas onde o Amor os fizera abrigar-se, cantando por sua vez: — Hossana! Paz na Terra e

([1]) Sacerdotes de Cibele. (N.T.)





glória aos céus! Sobre as montanhas do Himalaia nasceu uma pequena flor! O olhar cintilante de uma estrela fixou-se um instante nela e uma resposta fez--se ouvir numa estranha linguagem. Miosótis!

Uma pérola de prata brilhava na areia; uma pérola de ouro brilhava no céu... O mundo fora criado. Castos amores, divinos suspiros! Inflamai a santa montanha... pois vocês têm irmãos nos vales e tímidas irmãs que se escondem no seio dos bosques! Embalsamados arvoredos de Paphos, vós não sois dignos destes retiros onde se respira a plenos pulmões o ar vivificante da pátria. No alto, sobre as montanhas, o mundo vive feliz; o rouxinol selvagem / faz / a minha alegria!

Oh! Como a minha pobre amiga é bela! Ela é tão nobre que perdoa ao mundo, e tão bondosa que me perdoou a mim. Na outra noite, ela estava dormindo em não sei que palácio e não pude encontrá-la. O meu exaltado cavalo alazão deixou-se cair debaixo de mim. As rédeas quebradas flutuavam sobre a sua garupa suada, e precisei de fazer grandes esforços para o impedir de se ficar por terra.

Certa noite, o bom Saturnino veio em meu auxílio e a minha nobre amiga tomou o lugar a meu lado, sobre o seu cavalo branco engalanado de prata. Disse--me ela: "Coragem irmão! Pois é a tua última etapa!" Os seus enormes olhos devoravam o espaço e ela fazia voar pelos ares a sua longa cabeleira impregnada de perfumes do Yemen.

Reconheci os traços divinos de '''. Corríamos para o triunfo com os inimigos a nossos pés, a poupa mensageira guiava-nos a partir do mais alto dos céus, e o arco de luz brilhava nas divinas mãos de Apolo.

A trompa encantada de Adonis ressoava pelos bosques.

O Morte, onde está a tua vitória, posto que o Messias vencedor cavalga entre nós dois? O seu vestido era de um jacinto enxofre e nos seus punhos assim como nas cavilhas dos seus pés, cintilavam diamantes e rubis. Quando a leve vergasta roçou a porta nácar da nova Jerusalém, fomos os três inundados de luz. Foi então que eu desci para o meio dos homens para lhes anunciar a feliz boa nova.

Saí de um sonho bem doce: revi aquela que amava, radiosa e transfigurada. O céu abriu-se em toda a sua glória e pude ler aí a palavra perdão assinada com o sangue de Jesus Cristo.

Uma estrela brilhou de repente, revelando-me o segredo do mundo e de todos os mundos. Hossana! Paz na Terra e glória nos céus! No seio das mudas Trevas soaram duas notas, uma grave, e outra aguda. E logo o orbe eterno começou a girar. Sejas bendita, ó primeira oitava que inicias o hino divino! De domingo a domingo se ligam todos os dias da tua mágica escala. Os montes cantam-te aos vales, os lagos aos rios, e os rios ao Oceano; o ar vibra e a luz beija harmoniosamente as flores que nascem. Um suspiro, uma comoção de amor desponta do altivo seio da terra e o coro dos astros desenvolve-se no infinito; ora se afasta ora regressa a si mesmo, comprime-se e dilata-se, semeando ao longe os germes de novas criações.

Sobre o cimo de um monte azulado, nasceu uma pequena flor. O olhar cintilante de uma estrela fixou-se um instante sobre ela, e uma resposta fez-se ouvir numa estranha e doce linguagem. Miosótis!





Infeliz de ti, deus do Norte, que quebras com um golpe de martelo a santa mesa composta pelos sete metais mais preciosos! Mas que não pudeste quebrar a Pérola rosa que repousa ao centro. Ela eleva-se sob o ferro — e eis que nós combatemos por ela... Hossana!

O **macrocosmos** ou grande mundo foi construído pela arte cabalística; o **microcosmos** ou pequeno mundo é a sua imagem reflectida em todos os corações. A pérola rosa está tingida com o sangue real das Valquírias! Infeliz de ti, deus-ferreiro que pretendeste quebrar um mundo!

No entanto o perdão de Cristo foi também pronunciado para ti!

Sejas bendito também, ó Thor, o gigante, — o mais poderoso dos filhos de Odin! Sejas bendito por Hela, tua mãe, pois que muitas vezes é doce a morte, pelo teu irmão Loki e pelo teu cão Garnur!

A serpente que envolve o mundo seja ela própria bendita, porque repousa os seus anéis, e a sua goela escancarada aspira a flor de anxoka, a flor de enxofre, a brilhante flor do céu!

Que Deus preserve o divino Balder, filho de Odin, e Freya, a bela!

Apareci em Saardam **em espírito**, cidade que tinha visitado no ano passado. A neve cobria a terra. Uma rapariguinha caminhava, deslizando pela terra dura. Dirigia-se a casa de Pedro, o Grande. O seu perfil magestoso tinha qualquer coisa dos Bourbons. As costas, de uma brancura resplandecente, estavam meio saídas de uma estola de penas de cisne. A sua pequena mão protegia do vento uma candeia acesa e,

pretendia bater à porta verde da casa, quando uma gata magra que saíra se enrolou nas suas pernas fazendo-a cair.

— Ora! Não passa de um gato! Disse a pequena rapariga levantando-se.

— Um gato é qualquer coisa! — Respondeu uma voz doce. Presenciei esta cena trazendo debaixo do braço um pequeno gato que começou a miar. É a criança desta velha fada! Disse a rapariga. E entrou na casa.

Nessa noite o sonho transportou-me até Viena. Sabe-se que, sobre cada um dos lugares desta cidade se elevam grandes colunas a que chamamos **perdões**. As nuvens de mármore que se acumulam configuram a ordem salomónica, suportando os globos de onde, sentadas, presidem as divindades. De súbito, ó maravilha! Comecei a sonhar com essa augusta irmã do Czar da Rússia, cujo palácio imperial vira em Weimar. Uma melancolia plena de doçura fez-me ver as brumas coloridas de uma paisagem da Noruega iluminada por um dia cinzento e suave. As nuvens tornaram-se transparentes e vi cavar-se diante de mim um abismo profundo, onde os flocos gelados do Báltico eram engolidos. Parece que o rio Newa de águas azuis iria ser tragado inteiro através desta fissura do globo. Os navios de Croustadt e de S. Petersburgo agitavam-se nas suas âncoras, prontos a desprender-se e a desaparecer no precipício, quando uma luz divina iluminou do alto esta cena de desolação.

Sob o vivo raio que atravessa a bruma, vi aparecer de repente o rochedo que sustenta a estátua de Pedro, o Grande. Por cima deste sólido pedestal





vieram agrupar-se as nuvens que se elevaram até ao zénite. Estavam carregadas de figuras radiosas e divinas entre as quais se distinguiam as duas Catarinas e a imperatriz Santa Helena, acompanhadas pelas mais belas princesas de Moscovo e da Polónia. Os seus olhares doces, dirigidos para França, avançavam no espaço como se fossem longos telescópios de cristal. Vi assim que a nossa pátria se tornara o árbitro da querela oriental, e que elas aguardavam a solução. O meu sonho terminou com a doce esperança de que a paz fosse enfim anunciada.

Isso encorajou-me a uma audaciosa tentativa. Resolvi fixar-me no sonho para conhecer o seu segredo. Porque não forçar nesta altura as portas místicas e, armado com toda a minha vontade, dominar as sensações em vez de as receber? Não seria possível domar esta quimera atraente e medonha, impor regras aos espíritos da noite que se divertem com a nossa razão? O sono ocupa um terço da nossa vida. Ela é a consolação das mágoas do nosso quotidiano ou o pesar dos nossos prazeres; mas nunca tomei o sono como um repouso. Após um torpor que durou breves minutos, uma vida nova começa, desligada das condições do espaço e do tempo, sem dúvida semelhante à que nos espera depois da morte. Quem sabe se não existe uma ligação entre essas duas existências e se não é possível à alma restabelecê-la desde já? A partir desse momento apliquei-me na busca de um sentido para os meus sonhos, e essa inquietação influenciou as minhas reflexões no estado de vigília. Julguei compreender que existia uma ligação entre o mundo exterior e o mundo interior; que a desatenção e a desordem do espírito apenas

deformava as relações aparentes e que assim se explicaria a extravagância de certas cenas, semelhantes aos reflexos distorcidos dos objectos reais que se agitam nas águas turvas.

Tais foram as inspirações das minhas noites. Os meus dias passavam-se docemente na companhia de pobres enfermos onde fiz amigos. A consciência estava doravante purificada dos erros da minha vida passada, o que me dava alegrias morais infinitas. A certeza da imortalidade e da coexistência de todas as pessoas que tinha amado concretizara-se materialmente, por assim dizer, e eu abençoava a alma fraternal que, do seio do desespero, me fez reentrar nas vias luminosas da religião.

O pobre rapaz cuja vida inteligente fora tão singularmente retirada, recebia atenções que triunfavam pouco a pouco perante o torpor. Tendo sabido que ele nascera no campo, passava horas inteiras a cantar-lhe antigas canções da cidade, as quais procurava dar a entoação mais comovente. Tive a felicidade de ver que ele as percebia e que repetia certas partes desses cantos. Um dia, finalmente, abriu os olhos durante um só instante e vi que eram azuis como os do espírito que me tinha aparecido em sonhos. Uma manhã, após uns dias sobre este acontecimento, ele manteve os seus grandes olhos abertos e não mais os fechou. Logo começou a falar, mas com intervalos e reconheceu-me tratando-me por tu e chamando-me irmão. No entanto não queria por seu lado resolver-se a comer. Um dia, regressando do jardim disse-me: "Tenho sede." Fui procurar-lhe de beber; o copo tocou os seus lábios sem que ele pudesse engolir.





— Porquê, — disse-lhe eu, — que tu não queres comer e beber como os outros?

— É que eu estou morto. — Disse ele. Fora enterrado em tal cemitério, e em tal lugar...

— E agora, onde acreditas tu estar?

— No purgatório. Cumpro a minha expiação.

Tais são as ideias bizarras que nos dão esta espécie de doentes. Reconheço que eu próprio não fui tão longe em tão estranhas convicções. As preocupações que possuía tinham afectado os meus familiares e amigos, e podia agora ajuizar de modo mais saudável o mundo de ilusões que vivera durante algum tempo. Todavia, sentia-me feliz pelas convicções adquiridas, e comparava esta série de provações por que passara, ao que representava para os antigos a ideia de uma descida aos infernos.

# FRAGMENTOS DE UMA VERSÃO PRIMITIVA

## (I)

Foi em 1840 que recebi/o primeiro ataque da minha cruel doença / começando para mim esta Vita Nuova. Encontrava-me em Bruxelas na Rue Brulée onde residia, perto do mercado principal. Ia frequentemente jantar a Montagne de la Cour, em casa de uma bela senhora conhecida de amigos meus, indo depois ao Teatro da Moeda, onde tinha sido admitido como autor. Aí deixava-me embriagar de prazer por rever uma atraente cantora que tinha conhecido em Paris e que conseguira os seus primeiros papeis de opera em Bruxelas. De outras vezes uma outra bela dama fazia-me sinal do seu lugar até próximo da orquestra onde eu estava e ia sentar-me a seu lado. Tagarelavamos sobre a cantora cujo talento ela apreciava. Ela era bondosa e indulgente para com essa antiga paixão parisience e quase sempre eu aceitava levá-la a casa nas portas de Schaarbeck.

Uma noite convidaram-me para uma sessão de magnetismo. / Foi / a primeira vez / que / vi um sonâmbulo. Foi no mesmo dia em que teve lugar em Paris o enterro de Napoleão. O sonâmbulo descreveu a cerimónia com todos os detalhes, tal como a leríamos no dia seguinte nos jornais parisienses. Ele tinha apenas acrescentado que, no momento em que o corpo de Napoleão entrara triunfalmente nos Invalides, a sua alma teria escapado do cortejo e, tendo voado até ao Norte, viria a repousar sobre a planície de Waterloo.

Esta importante ideia tocou-me tal como às pessoas que se encontravam presentes, de entre as quais se distinguia Mgr bispo de Malines. Dois dias depois teve lugar um brilhante concerto na Sala da Grande Harmonia. Assistiam duas rainhas. A rainha do canto seria aquela a que chamarei Aurélia. A segunda era a rainha da Bélgica, não menos bela e mais jovem. Elas estavam penteadas da mesma maneira e traziam na nuca, por detrás dos seus cabelos entrançados, a coifa de ouro dos Médicis.

Esse serão deixou-me vivamente impressionado. Desde então sonhava apenas em regressar a Paris, esperando que me encarregassem de uma missão que esclareceu o meu retorno da Flandres.

Durante seis semanas, no meu regresso, dediquei-me a trabalhos relacionados com certas questões comerciais que estudava, orientado pelos conselhos do Ministro da Instrução Pública, que era então M. Villemain. Iria chegar ao fim das minhas tarefas, quando a preocupação permanente com os meus trabalhos me provocou uma certa exaltação da qual fui o último a aperceber-me. Nos cafés, em casa de





amigos, nas ruas, fazia longos discursos sobre todos os assuntos — de omni re scibilli et quibusdam aliis [1], à maneira de Pico della Mirandola. Durante três dias acumulei notas de um sistema sobre as afinidades da raça, o poder dos números, a harmonia das cores, que desenvolvia com grande eloquência o qual impressionou muitos dos meus amigos.

Tinha o hábito de ir beber cerveja à noite ao café Lepelletier, depois subia pelos subúrbios até à rua Navarrin, onde então morava. A hora soara quando, ao passar pelo nº 37 da Rue Notre-Dame de Lorette vi perto da casa uma mulher ainda jovem cujo aspecto me causou surpresa. Ela possuía um rosto pálido com olhos cavos e disse-me: "É a Morte." Fui deitar-me com a ideia de que o mundo iria acabar.

## (II)

Quando acordei já o dia despontara; acalmei um pouco e passei o dia a visitar amigos. (Fui jantar a um hotel onde um dos dois de quem contei coisas que se passaram em diversas alturas me disse: "Conheço-te bem... és o conde de Saint-Germain") À noite dirigi-me para o meu café habitual onde conversei durante bastante tempo com os meus amigos Paul (Chenavard) e Auguste (Morel) sobre pintura e música. Soara a meia-noite. Era para mim a hora fatal. No entanto, desejei que as horas do relógio do céu não correspondessem às da Terra. Disse a Paul

[1] Acerca de tudo o que é conhecido e de outras coisas. (N.T.)

(Chenavard) que iria partir para o Oriente, a minha pátria. Ele acompanhou-me até ao cruzamento Cadet. Aí, perante o confluente de várias ruas, parei indeciso e sentei-me sobre a extremidade da esquina da rua Coquenard. Paul (Chenavard) desenvolvia um esforço sobrehumano para me tirar daquele lugar. Eu estava pregado ao lugar. Ele acabou por me abandonar cerca da uma hora da manhã e, vendo-me só, chamei em meu auxílio, dois amigos Théophile (Gautier) e Alphonse (Karr), que vi /passar/ de perfil como duas sombras. Como era noite de carnaval, um grande número de viaturas passava e voltava a passar carregadas de mascarados. Examinei os seus números, dedicando-me a cálculos misteriosos.

Por fim, por cima da rua Hauteville vi elevar-se uma estrela vermelha circundada por um círculo azulado. Acreditei reconhecer a longínqua estrela de Saturno e, levantando-me com esforço, dirigi-me na sua direcção.

A partir desse momento ouvia com espanto um misterioso hino que me encheu com uma alegria inexprimível. Nesse mesmo instante abandonei o vestuário terrestre dispersando-o à minha volta. Chegado ao meio da rua vi-me cercado por uma patrulha de soldados. Senti-me dotado de uma força sobrehumana, parecendo que bastava estender as mãos para derrubar os soldados como se deitam os cabelos dos velos. Não quis empregar essa força magnética e deixei-me conduzir sem resistência. (ao posto da praça Cadet.)

(Aí) deitaram-me sobre uma cama enquanto as minhas roupas secavam sobre o fogão de aquecimento. Tive então uma visão: o céu abriu-se





em glória diante dos meus olhos e as divindades antigas apareceram-me. Para além deste céu deslumbrante vi resplandecer os sete céus de Brahma. A manhã pôs fim a este sonho.

Novos soldados vieram substituir os outros que me haviam recolhido, olhavam-me de viés assim como a um estranho indivíduo preso na mesma noite e que parecia ignorar o seu nome.

## (III)

A viatura pôs-se em marcha (e) nós encontrámo--nos em Picpus, em casa da sra. de Sainte-Colombe. Aí, fui remetido aos cuidados de um jovem médico chamado Creuze. (Tinham-me conduzido a uma casa de saúde.)

Dormi um sono profundo durante três dias, raramente interrompido por sonhos. Uma mulher vestida de negro, com os olhos cavos, apareceu diante da minha cama. No entanto, pareceu-me ver surgir no fundo das suas órbitas vítreas, lágrimas brilhantes como diamantes. Esta mulher era para mim o espectro de minha mãe, morta na Silésia.

Um dia levaram-me para o banho. A espuma branca que boiava parecia-me formar figuras heráldicas, onde distinguia sempre três crianças trazendo uma pala, que se transformavam em três melros fêmea. Tratava-se provavelmente das armas de Lorraine.

Julguei perceber que eu era uma das três crianças, tratadas assim pelos Tártaros, na altura da tomada dos nossos castelos. Foi nas margens do gelado Dwina.

E logo o meu espírito se elevou até a um outro ponto da Europa, perto da Dordonha, onde três castelos semelhantes tinham sido reconstruídos. O seu anjo tutelar era sempre a dama de negro que desde então tinha retomado a sua carnação branca ([1]), os seus olhos cintilantes, e trajava um vestido de pele de arminho, enquanto uma estola de cisne cobria os seus ombros brancos. (segundo estes pensamentos, eu...)

(Durante o dia, Théophile Gautier e Alphonse Karr vieram visitar-me. Pareceu-me que a sua pele...)

Alguns amigos vieram buscar-me mas as visões continuaram sempre. A única diferença entre o sono e a vigília era que, durante a primeira tudo se transfigurava a meus olhos. Cada pessoa que se aproximava de mim parecia mudada e os objectos materiais tinham (eles próprios) como que uma penumbra que lhes modificava (alterava) a forma, e os jogos de luz, as combinações de cores decompunham-se de modo a manter-me numa série (sucessão) constante de impressões unidas entre si, onde o sonho, o mais livre dos elementos exteriores, desenvolveria novas probabilidades.

Foi assim que no curto intervalo deste duplo sonho encontrava-me deitado num quarto bastante confortável na... A natureza tomava novos aspectos e dos... Como apreender este estado?

Antes de mais, acreditava ter sido transportado para uma casa situada nas margens do Reno. Os raios do pôr-do-sol desenhavam em volta da janela folhas transparentes de uma vinha que trepava.

---

([1]) La Brownia (N.A.)





(Quando estava ainda deitado sobre a cama de campanha, o meu pensamento dividia-se entre o visionamento e o sentimento das coisas reais. Nessa mesma noite, tinham detido um homem jovem, cujas palavras confusas chegavam até mim através de uma porta de que me apercebia com dificuldade.)

Antes de mais acreditei ser (transportado) para uma casa situada nas margens do Reno. Um raio de sol atravessava alegremente os contraventos verdes (onde se recortavam) ornamentavam a vinha. Disseram-me: "Você será levado para a sua família. Não demore a levantar-se porque eles esperam-no." Havia (— Eu através de) um relógio rústico pendurado na parede e sobre esse relógio um pássaro começou a falar.

Abrindo os olhos, encontrei-me num quarto bastante agradável. Um relógio estava suspenso na parede e por cima desse relógio encontrava-se uma gralha que me parecia possuir os segredos do futuro.

## (IV)

Fechando os olhos vi-me transportado sobre as margens do Reno até ao castelo de Johannisberg. Disse para comigo: Eis o meu tio (Metternich) Frédéric que me convidou para a sua mesa. O pôr-do--sol inundava com os seus raios a esplêndida sala onde ele me recebeu. (De seguida, vi-me transportado para Viena até ao palácio de Schoenbrum.) Pareceu-me que durante a noite fora precipitado num abismo que atravessava a Terra. Ao sair pelo outro lado do

mundo abordara uma aprazível ilha onde um velho trabalhava ao pé de uma vinha.

Ele disse-me: Os teus irmãos esperam-te para a ceia. Senti então que descera até ao centro da Terra. O meu corpo fora levado sem sofrimento por uma corrente viva de prata (fundida) que me transportou até ao coração do planeta. Vi então distintamente as veias e as artérias de metal fundido que animavam todas as suas partes. A nossa reunião ocupava uma vasta sala, onde estava servido um esplêndido festim. Os patriarcas da Bíblia e as rainhas do Oriente ocupavam os principais lugares. Salomão e a Rainha de Sabá presidiam à assembleia, cobertos pelos mais belos adornos da âsia. Senti-me pleno de uma doce simpatia e de um justo orgulho ao reconhecer esses traços divinos na minha família. Disseram-me que estava destinado a retornei (sic) à Terra, abraçando-os a todos, chorando.

Quando acordei fiquei encantado por ter ouvido de novo as antigas árias da vila onde cresci (era). O jovem que me velava, cantava-as com uma voz tocante e apenas o aspecto das grades conseguiu convencer-me que já não estava na vila, em casa do meu velho tio que fora tão bom para mim! Ò recordações crueis e doces, vós ereis para mim o regresso a uma vida tranquila e renovada. O amor renascia em minha alma, embelezando tudo à minha volta.

Alguns amigos vieram ver-me pela tarde. Passeava com eles no jardim, contando-lhes as minhas experiências. Um deles disse-me chorando: "Não é verdade que existe um Deus?" Dei-lhe a garantia dessa existência e nós abraçámo-nos numa doce efusão.





(A partir daí tudo me era favorável. Saía durante o dia para visitar o meu pai. Depois dirigia-me para o Ministério do Interior onde ia visitar vários amigos. Entrei no gabinete do director das Belas Artes e detive-me durante muito tempo a contemplar um mapa de França: "Onde pensa — disse-me ele — que deveria ser a capital? Com efeito, Paris está situada demasiado a Norte."

O meu dedo parou sobre Bourges. Ele disse-me: "Você tem razão."

Uma série de dias mais calmos datam dessa época. Após uma ligeira recaída, fui transportado para uma casa de saúde em Montmartre.

## (VII)

... agradecendo-lhe por a ter auxiliado no seu triunfo. Pus-me logo à procura de um presente que lhe pudesse oferecer e, para infelicidade dos dois, pensei num antigo anel de família cujo engaste era formado por uma opala talhada em coração e rodeada por brilhantes. Esse anel tinha sido usado por cima de uma luva, de maneira que ficava muito largo nos dedos pequeninos da actriz. Tive a fatal ideia de o mandar apertar. Assim que o ourives cortava o anel, pareceu-me ver sangue a correr. Enviei-o no dia seguinte após tê-lo passado pelos caules de um ramo de rosas, e ela agradeceu-me com um bilhete gracioso.

Mas porque expôr estas recordações de bilhetes amarelecidos e flores fanadas? O meu coração repousa sob esses destroços, mas esta paixão é a

história de todos. Pretendo apenas assinalar a influência que ela teve sobre os sonhos do meu espírito.

Agora mais calmo entre as minhas irmãs de infortúnio que traça(m) sobre a areia ou sobre o papel os hieroglifos que acreditava estarem relacionados com as minhas ideias, tentei descrever a imagem da divindade dos meus sonhos. Sobre uma folha impregnada de sucos de plantas, representei a Rainha do Meio Dia, tal como a vira em meus sonhos, tal como fora descrita no Apocalipse do apóstulo S. João. Ela estava coroada de estrelas e com o cabelo envolto num turbante onde brilhavam as cores do Arco Íris. O seu rosto tem um aspecto sereno e a sua tez é olivácea, e o nariz com a curvatura de um bico de gavião. Um colar de pérolas rosa envolve o seu pescoço e por detrás dos seus ombros apoiava-se uma gola de rendas estampada. O seu vestido é cor de jacinto e um dos seus pés está assente sobre uma ponte e o outro apoia-se sobre uma rua. Uma das suas mãos está colocada sobre o rochedo mais alto das montanhas do Yemen e a outra dirigida para o céu, agita a flor de anxoka, que os profanos chamam a flor do fogo. A serpente celeste abre a sua goela para a apanhar mas apenas um grão ornamentado com uma coroa é engolido pelo abismo aberto. O sinal de Belier apareceu duas vezes sobre o orbe celeste, onde, como num espelho, se refletiu a figura da rainha que assumiu a figura de Santa Rosália. Coroada de estrelas, ela aparece, pronta a salvar o mundo. As constelações celestes envolveram-na com a sua luminosidade.





Sobre o pico mais elevado das montanhas do Yemen distingue-se uma gaiola cujas grades se recortam sobre o céu. Um maravilhoso pássaro aí canta; é o talismã das novas eras. Leviatan, com asas negras, voa pesadamente em redor. Para além do mar eleva-se um outro pico, sobre o qual está inscrito este nome: Meroveu ([1]). Dos dois pontos que constituem as antigas cidades de Sabá formando a extremidade do estreito de Babel-Mandeb ([2]), vemos surgir e espalhar-se sobre toda a Terra as duas raças, branca na Ásia e negra em África, de onde sairam os Francos e os Gallas. Para os primeiros a rainha chama-se Balkiss ([3]), e para os outros, Makeda quer dizer, a grande.

Os filhos de Abrão e Cetura que remontam a Enoch por Héber e Joctan formam a santa raça dos princípes de Saba. A sua capital é Axum na Abissínia. Os filhos de Meróvia ([4]) dirigiram-se para a Àsia, aparecendo na guerra de Troia, sendo depois vencidos pelos deuses do Peloponeso penetrando nas brumas dos montes Cimérianos. Foi assim que, atravessando a Cítia e a Germania, apareceram para lá do Reno a lançar as bases de um poderoso império. Sob o nome dos Escandinavos e dos Normandos, estenderam as suas conquistas até à longínqua Thulé, onde jaz o tesouro dos Nibelungos guardado pelas filhas do Dragão. Dois cavaleiros guiados pelas irmãs Val-

---

([1]) Rei franco de 448 a 458. Deu o nome à primeira dinastia francesa.

([2]) Na verdade estreito Bab-el-Mandeb

([3]) Nome da rainha de Saba segundo as lendas muçulmanas. Os etíopes dão-lhe o nome de Makeda. (N.T.)

([4]) De Merovíngio. (N.T.)

quírias descobriram o tesouro e transportaram-no para Borgonha. No seio da paz nasceu o germe de uma luta de vários séculos, visto que Brunhild e Chriemhield, as duas irmãs fatais, sacrificaram ao seu orgulho os poderosos povos sobre os quais reinaram.

Siegfried foi atingido traiçoeiramente durante a caça e recebeu o ferro na única parte de seu corpo que não foi colorida pelo sangue do Dragão. Brunhild tornou-se, por vingança, a esposa de Átila, o bravo rei dos Hunos. Ocultem-me essa cena sangrenta onde os Bourgonheses e os Hunos se atacam mutuamente com golpe(s) de espada a seguir a um festim de reconciliação. Tudo pereceu em redor da rainha. Mas um pagem vingou-a escapando por detrás do assassinato do seu esposo.

Aqui a cena muda e a frâmea ([1]) de Carlos Martel dispersã os esquadrões dos Sarracenos em Poitiers. O Império de Carlos Magno ergue-se a Ocidente e as suas águias vitoriosas em breve cobrem a Alemanha e a Itália. Infeliz de ti, Didier, rei dos Lombardos, que do alto da tua torre assinalas a aproximação do conquistador, gritando: "Que ferro!" A távola redonda povoou-se com novos cavaleiros e o ciclo romanesco de Artur fundiu-se harmoniosamente com o círculo de Carlos Magno. E tu, bela entre as belas, rainha de Ginéva que te servia (sic) as lágrimas douradas do teu cavaleiro Lancelot! Deves abaixar o teu orgulho aos pés de Griseldis, a filha de um humilde carvoeiro! O Ocidente armado fez um pacto com o Oriente. Carlos Magno e Harounal-Reschild apertaram as

---

([1]) Lança dos Francos. (N.T.)





mãos por cima das cabeças dos seus povos proibidos: Novos deuses surgiram nas brumas coloridas do Oriente... Mélusine dirige-se a Merlin, o mago, e retem-no num esplêndido palácio que as Ondinas construiram sobre as margens do Reno. No entanto os doze pares que marcharam à conquista do Santo--Graal chamaram-no do fundo dos desertos da Síria, para os auxiliar. É apenas ao som plangente da Trompa de marfim de Rolando que Merlin é arrancado do enfeitiçamento da Fada. Durante esse tempo, Viviana tem cativo Carlos Magno nas margens do lago d'Aix-la-Chapelle. O velho imperador não mais despertará. Cativo como Barba Ruiva e Ricardo, deixará desmembrar o seu vasto império em que Lotário disputa às suas irmãs o pedaço mais precioso.

## (VIII)

"Foi então que tive um sonho singular. Vi desenrolar-se como um imenso quadro animado a genealogia dos reis e dos imperadores franceses — depois o trono feudal abateu-se banhado de sangue. Segui em todos so países da Terra, os vestígios da pregação do Evangelho. Em toda a África, na Ásia, na Europa, parecia que uma imensa vinha estendia os seus ramos em volta da Terra. Os últimos rebentos alcançavam o país de Elizabete da Hungria. Aqui e ali, imensos ossários eram construídos com as ossadas dos mártires. Gengiskan, Tamerlan e os imperadores de Roma tinham conquistado todo o Mundo. Gritei durante muito tempo, invocando a minha mãe com todos os nomes que davam às antigas divindades."

Colecção

Obra iniciática e perturbante onde Nerval, que se suicidou em Paris em 1855, nos relata a viagem ao interior de si, reencontrando em pleno crepúsculo os espectros do seu passad[illegible] em ecos mitológicos. Este misticismo [illegible] mantém todos os traços do Romantis[illegible] mais nocturno.